

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e PARGA RODRIGUES

N.º 34

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1916

Anno III

EDITORIAL

Plantar para o inimigo.

SÃO dois bellos trabalhos os pareceres sobre os orçamentos da Fazenda e da Guerra, dados pelos respectivos relatores deputados Barbosa Lima e Ildefonso Pinto.

No parecer da Fazenda o relator aborda assumptos geraes, delles deduzindo uma perfeita psychologia da desorientação brasileira em face dos problemas nacionaes. S. Ex. usa de uma franqueza louvavel, externando verdades incontestaveis, através de palavras algumas vezes asperas, mas sempre impregnadas de um forte cunho de sinceridade e patriotismo.

Pôde dizer-se que se o trabalho do deputado Barbosa Lima fosse lido, comprehendido e meditado pela maioria dos deputados, a Camara podia redimir-se ainda de uma grande somma de erros, antes de chegar o dia de juizo, orque, na marcha em que vamos, a posteridade ha de fatalmente condemnar á execração o parlamento republicano, como principal responsavel pelo depauperamento escravisação da nação brasileira.

A contingencia de apertura financeira já macrobia no Brazil, mas de vez em quando emplastro poroso de um *funding* proporciona uma anesthesia transitoria, á custa e maiores compromissos futuros. Seria natural que, aproveitando o allivio produzido por essa cataplasma financeira, a politica nacional representada pelos diferentes poderes, mas principalmente pelo parlamento, procurasse armazenar recursos fim de poder fazer frente aos pezados

encargos a que a nação tem que satisfazer com o restabelecimento do serviço da divida.

Ao contrario de assim proceder, o parlamento tem sido o maior esbanjador da fortuna publica. Com o advento republicano, atirou-se a uma politica protecccionista desorientada, que determinou beneficios escandalosos a um reduzido numero de industriaes e exploradores, em detimento dos interesses da collectividade, constituindo o que S. Ex. chamou:

«o paredão chinez, á quem do qual medra a ganancia de alguns, cada vez mais ricos, em contraste irritante com a penuria cada vez mais apertada da immensa maioria de consumidores, vassalos do prohibicionismo alfandegario.»

O proteccionismo é necessario, é indispensavel mesmo, a uma nação que quer preparar o seu futuro, procurando prover ás suas principaes necessidades, de modo a não ficar maniatada, nos momentos criticos como o de uma guerra, pela dependencia da producção estrangeira, mas essa protecção só deve ser dispensada ás industrias que elaborem materia prima indigena ou que a transformem em objecções capazes de substituir a producção alheia. Proteger industrias parasitarias, ficticias, que importam materia prima e até elementos já confeccionados, para depois de uma pequena transformação serem impingidos ao mercado como producção nacional, é roubar do povo para enriquecer meia duzia, é difficultar a vida e é esbanjar a fortuna publica, porque o Estado em suas relações com a multidão de funcionários que o representam vê-se obrigado a aumentar as despezas na proporção do encarecimento da vida. E isto sem nenhum projeto futuro, porque essas industrias, na hora de uma calamidade, quando forem chamadas a prestar os serviços indispensaveis, nada poderão produzir, porque

ellas não representam mais do que o disfarce com que os exploradores enriquecem beneficiando a produção estrangeira e esfolando a economia nacional. Eis como traduzimos estas palavras do relator:

«E aqui permitta-se ao relator observar, *en passant*, que seria muito conveniente, sempre que se declamassem contra o funcionalismo que o Estado estipendia directamente, pensar nesse macroparasitismo que o mesmo Estado alimenta e acalenta, gerando a carestia, pela guerra oficial e concorrência, desafiando o contrabando e evitando os nababos das tarifas protectoras.»

As medidas de carácter pessoal, as pensões graciosas concedidas com uma prodigalidade espantosa e inconsciente a famílias geralmente ricas ou desnecessitadas; a criação de empregos em número indefinido, não para satisfazer ás necessidades públicas, mas para colocar parentes, amigos, correligionários e eleitores do partido; a decretação de leis de estímulo á inactividade e ao parasitismo, como a celebre lei das reformas e aposentadorias, e que jandos, que estabelecem, como coisa muito decente, o direito de vadiação com vencimentos maiores do que em trabalho efectivo; de aposentadorias com maior numero de annos de serviço do que de idade; de invalidez na flor da idade, consolada com uma bella pensão dos cofres publicos paralela a uma miraculosa validez para o exercicio de outros cargos publicos tão ou mais activos e não menos rendosos; de percepção perpetua de remuneração por funções que não são exercidas, como, por exemplo, o caso dos lentes em disponibilidade, alguns dos quaes estão afastados do magisterio ha muitos annos e outros nunca ensinaram a materia de que são catedráticos, continuando todos a verem de cinco em cinco annos os seus vencimentos aumentados com uma animadora porcentagem; todas estas bellezas da nossa legislação são as causas do estado de penuria do erario publico.

Se o parlamento quiser fazer obra honesta e meritória terá como unico caminho munir-se de uma inquebrantável energia e estirpar o parasitismo que, por culpa principalmente sua, proliferou assustadoramente e está devastando o organismo nacional.

«Buscando uma perspectiva do conjunto, pareceu-me que a obra da comissão de Finanças resultará insignificante, improposita senão irritante, se nos circumscrevermos a espiolhar verbiúlas e aparar migalhas, para economizar apparenemente algumas centenas de contos de réis,

que os créditos supplementares resuscitarão a tempo triplicadas. Projecto de lei annua, sujeita a tramites regimentais que não seriam de demasiado apertados em se tratando de um verdadeiro clementamento, o rol das despesas preestabelecidas pelas leis orgânicas e a estimativa de reditos oriundos de fontes anteriormente estudadas só podem, a meu ver, ajustar ás condições por muito anormais das nossas necessidades finançárias e da crise económica, ao apogeu da qual penso não termos chegado ainda, se preliminarmente, em projectos de lei orgânica voltarmos a remodelar, reduzindo-os, os nossos chamados serviços públicos e a rever o nosso deficiente sistema tributário.

«O Estado, que entre nós foi por mais meio século o trabalho aviltado pela escravidão, a bacharelice epidémica e a madraçaria lettrada, o recrutamento forçado e a mendicância burocrática, tem de começar a resolver o maximo problemas para a vaga nacionalidade brasileira. Antes que chegue o centenario do gesto histórico que no Ypiranga afirmou a vontade vitoriosa um povo que se emancipava para viver politicamente independente da gloriosa metrópole europeia, dever incomparável para os seus estadistas é fazer que este povo ame a esta terra devendo regando-a com o seu suor, cultivando-a e pedindo-lhe o pão, para que não haja de o começo industrial elementos reaes de exito, e meia raça, batendo importuno e desfibrado portas do capitalista estrangeiro. E' preciso congesionar as cidades, fazendo do amanho cada hectare de terra brasileira um emprego apetecido e tão acessível quanto o sonha emprego publico.»

São verdades causticantes, mas incutíveis, estas que o relator do orçamento da Fazenda deixou estampadas em sua proverbial expressão: «Cada povo tem parecer como um voto energico de combate á delinquescencia moral em que a sempre o governo que merece».

O aspecto militar da preparação da ciedade brasileira vai submergindo, levado por uma política vendada pela ignorância que não pode ser contestada, maximamente pedantocrata da madraçaria lettrada e bacharelice epidémica, de casaca e de laranja.

O bacharel de farda desvirtuou a sua fisionomia militar, tirando-lhe o carácter artístico de devotamento pela Pátria, transformando-a em meio de ascenção ao poder, pela violencia e pela trahição, simplesmente em commoda sinecura que lhe permitia sustentar a família enquanto elle fazia philosophia e pregava o socialismo, o positivismo, a paz universal! Negundo salutares modificações nos trechos ponto da comedia o elemento paisano, talvez que ella era incoherente com os desbem oriundo da "bacharelice epidémica", fez côro em unisono e passou a elogiar necessidade indeclinável de se preparar como a raposa da fabula, a voz e a pílula das reservas do Exercito:

Com tais elementos de direcção é de extranhar que vivamos a tangenciado abysmo da bancarrota financeira e fallencia moral e política.

Só uma vontade herculea, inabalavel, que seja surda ao clamor da rotina e ás exigencias da "burguezia egoistica e obsessada" poderá salvar a nau brasileira de ser absorvida pelo maelstrom da anarchia, do despedaçamento e da ruina.

E o caminho a seguir é o da preparação da defeza nacional sob o multiplo aspecto moral, politico, economico e militar.

Com a interpretação moderna de Exercito, que não mais significa bando mercenário de homens armados e sim nação armada e instruída moral e militarmente para a defeza de sua independencia e integridade, o aspecto militar exerce uma influencia poderosa sobre os outros aspectos da vida nacional. O moral é aprimorado pelo exercicio constante do devotamento e da abnegação que a accção militar exige; o economico é influenciado não só pelo factor de ordem e disciplina, como pela robusteza physica que o serviço militar desenvolve, proporcionando assim ao servizio industrial elementos reaes de exito, e o politico recebe fatalmente o influxo do aperfeiçoamento geral, pois qualquer accção política digna desse nome, como accção dirigir que deve ser, é sempre forçada a procurar orientação em harmonia com os sentimentos e as necessidades do meio social. Este facto é aliás synthetizado pela proverbial expressão: «Cada povo tem sempre o governo que merece».

O aspecto militar da preparação da defeza nacional é, pois, de uma importância que não pode ser contestada, maximamente para uma nação que ainda não possue uma alma collectiva definida, ou, melhor, para um povo que ainda tem em formação o seu espírito de nacionalidade.

Assim encarando o problema, e argumentando com factos e exemplos frisantes, o deputado Ildefonso Pinto, relator do orçamento da Guerra, fez um trabalho de levado patriotismo, indo ao encontro da proposta do Governo, estudando-a e propondo salutares modificações nos trechos que transformam o serviço militar em profissão officiais constantes do relatorio e como fez côro em unisono e passou a elogiar necessidade indeclinável de se preparar como a raposa da fabula, a voz e a pílula das reservas do Exercito:

"Os reengajamentos constituem uma praxe indefensável do nosso Exercito e um uso prejudicialissimo á diffusão do preparamento militar e consequentemente á formação das reservas, além de que transformam o serviço militar em profissão mercenaria, contra tudo quanto está universalmente consagrado a respeito."

Pelas leis vigentes a duração do serviço na primeira linha, exercito activo e suas reservas, será de nove annos. Os alistados, annualmente, e não sorteados para o serviço obrigatorio, e os sorteados que, por qualquer motivo, não forem incorporados ao exercito activo, servirão na reserva de recrutamento para o mesmo exercito, até a idade de 30 annos completos, de acordo com o disposto no art. 15 da lei n. 1860, de 4 de Janeiro de 1908.

Em quanto a lei dispõe que na primeira linha, composta de duas partes — exercito activo e suas reservas, o serviço irá até 30 annos, no exercito activo a proporção dos maiores dessa idade chega a 30 % numa das fortalezas do Rio de Janeiro e a 11 % noutra.

Quando se diz que a lei do sorteio vai entrar em vigor, não se comprehende a continuação de uma tolerancia dessa natureza, prejudicial ao preparamento militar do paiz, e lesiva dos cofres publicos, dando logar a frequentes reformas de praças, que se tornam pensionistas do Thesouro.

Tudo indica a necessidade e obrigação de restringir os engajamentos, mediante rigorosas e justas exigencias, estabelecidas na lei e cumpridas com escrupulosa sinceridade.

A Comissão de Marinha e Guerra não pôde assumir a responsabilidade da conservação dos soldados nas fileiras até os 35 annos, pelo que propõe a sua limitação até os 30 annos, idade legal para a passagem para a segunda linha."

Esta firmeza de argumentos e de convicções autorisa-nos, entretanto, a extranhar que o relator tenha deixado escapar uma nota dissonante com o seu bello trabalho e incoherente com o seu pensamento tão claramente externado a propósito da organização de reservas:

"Tal é a importancia do tiro de artilharia, que a Comissão, ao tratar dos reengajamentos, consigna uma excepção para os soldados que se especialisarem na pratica desse tiro."

Instante por esse motivo é que não devia ser permitido nem o engajamento quanto mais o reengajamento dos apontadores, pois num caso de guerra a artilharia que não dispuser de apontadores de reserva será uma artilharia quasi inutil, pois o apontador precisa de um preparamento mais ou menos demorado, que não pode ser improvisado no campo de batalha.

O parecer do deputado rio-grandense é uma peça que honra os annaes do nosso parlamento e oxalá tenha o condão de despertar nos membros do poder legislativo o interesse reclamado por esse assunto de magna importancia.

O Sr. Barbosa Lima é de parecer que se reduza o effectivo do Exercito para 14.000 homens, o que representa, senão a evaporação dos frangalhos que ainda temos, ao menos a sua maior inutilidade.

Cortar efectivos é cortar exactamente o que de mais productivo e menos dispen-

dioso pôde ter o Exercito, principalmente agora que se pretende pôr em execução o serviço obrigatorio, com o qual pôde ser feito o barateamento do soldado.

Em face de um assumpto de tal relevancia, a economia que se fizer com a reducção do effectivo, não pôde deixar de ser incluida na cathegoria dos *espiolhamentos de verbiculas*.

Que se diria de um agricultor que mandasse transformar um campo aberto em seára magnifica e, não se lembrando das alimárias cubiçosas, resolvesse poupar o dinheiro do arame farpado com que deveria proteger a plantaçao?

Naturalmente seria qualificado de imprevidente, por ter plantado para as alimárias devastarem.

Pois bem, S. Ex. que tão acertadamente appella para o arroteamento do inculto, para o manejo da enxada e do arado pelas "legiões que pejam os institutos de ensino official", comette, como aquelle agricultor, a imprevidencia de não querer cercar a seára com o arame farpado de uma efficiente organisação militar.

Pensamos, com o digno patriota que é o Sr. Barbosa Lima, que o futuro do Brazil está na agricultura e na pecuaria, e como S. Ex. desejamos nesse vêr "em vez da *terre qui meurt*, symbolicamente, *le blé qui léve*", porém sufficientemente defendido contra a cubiça das alimárias devastadoras.

Symbolicamente, a nação que planta e não prepara a defesa de sua plantaçao não faz mais do que **plantar para o inimigo**.

Acção constructora

O gesto de um conhecido escriptor solicitando de improviso uma visita a um dos corpos desta guarnição militar e publicando, apôs intelligente inspecção, uma verdadeira joia litteraria, foi, sem dúvida, uma lição suggestiva e um protesto indirecto contra esses detestaveis processos, infelizmente muito em voga, de fazer jornalismo de feira.

Apparecendo de repente no 52º de Caçadores, o Sr. Paulo Barreto foi surprehender os seus officiaes nesse trabalho silencioso e devotado que desde alguns annos vem sendo emprehendido nesta guarnição e cujos fructos, muito modesto; embora, começam agora a aparecer aos olhos surpresos de nossos bons patrícios.

E' incontestavel que este acto foi acolhido com viva sympathia no meio militar, normalmente envolto em uma atmosphera de hostilidades creada por espíritos sem descortino que, na sua inconsciencia, se empenham em tornar o civil refractario ao Exercito e levam os seus membros a

se irmanarem fortemente em um meio aparte, contra as manifestas tendencias democraticas da oficialidade.

O bellissimo movimento do reputado jornalista é uma acção constructora que deve ser ardorosamente proseguida e sinceramente imitada por quantos almejarem vêr a nossa Patria dotada de um Exercito apto a defendel-a e digno de honral-a. Infelizmente, é muito mais facil destruir, arrazar e declamar contra desacertos e vicios, do que aventar boas idéas, ter gestos que nobilitem ou impôr-se pelo exemplo...

Já a nossa Revista, julgando interpretar a opinião quasi unanime das classes armadas, teve occasião de manifestar as suas esperanças na campanha nacionalista que então se delineava, fazendo sentir que "aos nossos poetas e intelectuaes de valor" cumpria "antes de tudo, desassombrar a alma nacional". Foi quando, a proposito da acção de Bilac, um professor da Faculdade de Direito, numa attitudne menos ponderada procurava incutir idéas visionarias aos seus alumnos, idéas estas que, por occasião da infelicitativa de apprehensão de navios aqui asyaldos, elle, belicosamente, foi o primeiro a desmentir...

Não é facil ainda aos nossos presados camaradas convencer á grande massa da nação o alcance pratico de sua educação militar e da passagem dos moços pelas nossas casernas.

Não só os mentores da opinião publica, ingenuamente ou por má fé, põem em duvida a necessidade de sermos previdentes, respeito á nossa defesa, como, por outro lado, o nosso quadro de officiaes ainda se não impoz como se torna mister.

Bem sabemos que tocamos aqui em uma ferida... Mas como é duro confessar que o Exercito attrai sobre si tantas censuras fundadas atiradas até por individuos sem idoneidade moral e que nem mesmo sabem o que accusam!

Certo aquelles que commettem esse trabalho de soerguimento do Exercito não se devem impressionar nem mesmo ligar apreço a essa acção dissolvente e inefficaz, por isso que não resiste ao menor reactivo. A nossa doutrina tactica no ensina que, diante do inimigo, não nos detenhamos a indagar o que elle diz ou pretende fazer mas sim que lhe imponhamos a nossa vontade.

Façamo-nos, por conseguinte, fortes no animo e na solidariedade e prosigamos imperturbavelmente sobre um objectivo que reputamos ser nosso dever.

Já é tempo de trocarem os *ardorosos* demagogos essas vãs e inocuas accusações em um país onde se não apuram responsabilidades, por um emprehendimento mais nobre e de resultados mais positivos.

A este respeito, serão muito mais efficazes beneficas aquellas duas columnas d'*O Paiz* de do passado, que ora commentamos, do que esses grossos volumes de carregação com que se envelopam até nas escolas a alma dos adolescentes.

E é por isso que aqui reproduzimos a bellissima exhortação do talentoso compatriota, se duvida um fecho muito luxuoso para as nossas ligeiras considerações:

"Rapazes de vinte annos, que tendes vinte annos no grande momento da transformação do mundo; rapazes de vinte annos, que soisdealmente no instante em que se reintegram de subito os sentimentos de raça e de Patria, no orbe; rapa-

zes de vinte annos, que tendes a idade auroral em que se participa do sonho do céo e do impeto da terra no momento dramatico em que o sangue de milhões de homens apaga das almas a fraqueza do scepticismo e a corrupção amolecedora — rapazes! como as simples palavras encaminham o aperfeiçoamento."

Prophilaxia Necessaria

"Minha terra e minha gente"

Carta aberta aos redactores d' "A Defeza Nacional"

Prezados camaradas.

No editorial do excellente n. 32 da nossa Revista, depois da judiciosa critica de condenação ao methodo *sui generis* de educação civica da infancia, adoptado pelo illustre Dr. Afranio Peixoto em seu recente livro "Minha terra e minha gente", fazeis brevissimo commentario ao topico em que o autor se refere ás classes armadas.

Secundando as vossas palavras apresento estas considerações.

O vosso desapontamento causado por essa referencia ás forças armadas, acoimadas de parasitarias e vorazes, foi tal, parece, que vos limitastes a constatar apenas, que só por isso, quando por mais não fosse, nós militares não poderemos deixar esse livro ao alcance de nossos filhos sem primeiro, emprehendermos em torno delle uma prophylaxia necessaria.

Nem ha mistér ser militar para concordar incondicionalmente com essa absoluta repulsa de tão estapafurdio modo de ver as classes armadas.

Muito e muito é de pasmar que espiritos cultos, affeitos que devêram ser á meditação sobre o significado das instituições nacionaes, se deixem levar a semelhante desorientação em relação ás classes armadas, simplesmente porque recebem certas impressões locaes, actuaes, pessimas innegavelmente, mas alheias á essencia, ao destino dessas instituições.

Fizestes, pois, muito bem collocando-vos naquellea repulsa em um ponto de vista geral, superior; entretanto convém estudar o phenomeno quanto á sua causa, como acima esbocei.

No ponto de vista estreito, contemporaneo, o Dr. Afranio Peixoto tem toda a razão.

Como temos vivido a dizer desde o n. 1 da nossa Revista, podemos repetir com elle, estas palavras que empregou a outro proposito:

"E' doloroso reconhecer que os go-

vernors brasileiros não escapam, ainda agora, a esta accusação tremenda de imprevidencia e lesa-patriotismo": "o Exercito actual não corresponde absolutamente ás nossas necessidades, o paiz está completamente indefezo" (A Defeza Nacional, Outubro 1913, pag. 3)

Assim, e enquanto o governo se contentar com plataformas, isto é, persistir no sistema insincero do *verba, non res*, nós militares, façamos a cara que quizermos, havemos de engulir tão duros conceitos.

Todo exercito que em organisação e funcionamento não significar defeza nacional assegurada, ha de ser, sem ambages, mero funcionalismo parasitario e voraz.

E, funcionalismo na accepção brasileira já é synonimo de parasitario e voraz: ociosidade, rotina, dishonestade passiva e muitas vezes activa.

Em outras palavras, as medidas pre-munitorias que aconselhaes contra o proficiente *estudo para adultos* "Minha terra e minha gente" e mui especialmente em relação á opinião nelle exarada respeito ás forças armadas, devem ser completadas pela urgente **prophylaxia necessaria** dessas instituições.

Neste terreno pôde-se fundar um perfeito accôrdo entre todos os cidadãos, militares e civis, e nesse sentido precisa a Nação, justamente por força de sua situação de "tremenda imprevidencia", da colaboração de todas as suas forças constructoras, entre as quaes figuram em primeiro plano os pioneiros da educação civica, da formação e orientação da opinião publica.

E a educação civica da nossa Patria, *far land* do analphabetismo, vae com um atrazo de alguns seculos trilhando o mesmo roteiro da incorporação geographica do Brazil ao mundo conhecido. Ella ainda se limita a uma estreita faixa littoranea, enquanto o interior da Nação, o grande grosso da população, permanece não desbravado.

Oxalá os nossos *bandeirantes* da educação civica generalisada não copiem os methodos que em seus precursores sertanistas com tanta vehemencia o illustre Dr. Afranio Peixoto profliga: em lugar do machado e do fogo, a espavorir os selvicolas — adultos neophytes e infancia, — levem a necessaria luz aos espiritos que ainda jazem nas trevas da ignorancia e da indifferença; antes que destruir por des-

truir, tratem de edificar para a nossa organização nacional perfeita; ao contrario de apontar nossas coisas e nossos homens do passado e contemporaneos á execração, ao abandono, por infectos, ensinem qual o ideal a attingir, qual o saneamento cabível, preparem a prophylaxia necessaria das nossas instituições putridas.

Então tambem os homens esclarecidos e patriotas que emprehenderem, assim norteados, benemerentes incursões de descoberta e propoganda nos sertões bravios da nossa educação civica, saberão conduzir na sua bagagem a bôa semente das elementarissimas noções positivas sobre a questão da defesa nacional.

Saberão, em lugar de uma adjectivação contundente e contraproductiva, carrear os rudimentos do verdadeiro civismo e ministrá-los em palavras singelas, como sejam:

— “O primeiro dever de uma nação é assegurar sua soberania, e isso ella só consegue por meio do poder militar... Desse dever surgiu, com o evoluir da arte da guerra e o progresso das nações, a necessidade de constituir-se o exercito pela nação armada.

Ha nessa concepção não só a solução da dificuldade dos grandes effectivos necessarios para a guerra moderna, como tambem um grande progresso moral: a defesa nacional deixou de ficar a cargo de uma classe para tornar-se o dever da nação inteira... (General Faria, a “Defesa Nacional”, Novembro de 1913, pag. 37).

O exercito do tempo de paz não é mais que a escola onde se adextram os cidadãos para o cumprimento desse dever; quem não receber essa preparação não poderá desempenhar-se efficientemente, seu amor á patria será platonico. —

Longe de chamar ás classes armadas “parasitarias voracissimas”, que “oneram dia a dia os orçamentos e nos arrastam á ruina”, saberão os pioneiros da nossa educação civica reconhecer e commentar com a maxima simplicidade de expressões ao alcance dos nossos mais rudes patrícios:

— “As despezas que a Nação fizer com seu Exercito e sua Armada não serão improductivas, porque lhe darão a segurança e a tranquilidade necessarias para que o commercio, a industria e as artes, que constituem a riqueza nacional, progredam com desassombro; quando uma nação é militarmente forte as outras a respeitam e procuram sua amizade, mas quando ella

é fraca, arrisca-se a ser de um momento para outro a presa facil das mais fortes, que a tratam com menosprezo.” (luc. cit.)

“... é evidente que uma nação só gastará demasiadamente com seu exercito, quando este pelo seu effectivo e meios de acção exceder ás necessidades da defesa; enquanto esta hypothese não se verificar pôde-se dizer que se gasta mal, mas não que se gasta demais.”

“... é preciso considerar as despesas feitas com a defesa nacional como uma prestação de seguro...” (General Faria, “A Defesa Nacional”, Janeiro 1914). —

Mas... terminemos reapproximo-nos do Dr. Afranio Peixoto, transcrevendo do mesmo local que acabo de citar, estas palavras que ainda hoje sôam aos nossos ouvidos, com a impertinencia de um écho perenne:

“... as despezas que fazemos com a nossa defesa não seriam demaziadas se elles assegurassem o fim collimado.”

1º Tenente Bertholdo Klinger.

Guia para o ensino da tática

Em breve será posta á venda, nas livrarias desta Capital, a importante obra cujo titulo encima estas linhas.

Obra magistral, adoptada nas escolas de guerra da Alemanha e aconselhada por Griepenkerl como subsidio indispensavel ao estudo do Jogo da Guerra, virá prestar inestimaveis serviços ao meio militar brasileiro.

A *Defesa Nacional* desejando prestar um bom serviço aos seus assignantes, adquiriu a edição dessa obra, afim de fornecer-lhes quasi pela metade do preço pelo qual vae ser posta á venda nas livrarias.

Assim é que podemos ceder aos nossos assignantes desta Capital por 3\$500 o exemplar, e aos dos Estados por 4\$000, sendo o accrescimo para as despezas com o correio.

Os assignantes que desejarem possuir essa obra dirigir-se-ão á redacção ou aos representantes desta Revista nos diferentes corpos e estabelecimentos.

Aos representantes pedimos que nos remettam em uma lista os nomes dos assignantes que quiserem adquirir a referida obra.

O Exercito e a Nação

Transcrevemos de um jornal carioca:

“O Sr. general Antonio Ilha Moreira actual inspector da Arma de Artilharia, e dos officiaes que mais se preocupam com o que diz respeito ao Exercito. Tivemos occasião de ouvir-o sobre o sorteio militar, assim se exprimindo S. Ex.:

Sempre que se trata do serviço militar obrigatorio, os anti-militaristas esforçam-se em fazer crer que a sua execução viria contrariar a nossa Constituição. E' isso, porém, um recurso sophistico, em face do texto constitucional, invocado por essas pessoas. Diz o art. 87 em seu § 4º "O Exercito e a Armada compor-se-ão pelo voluntariado sem premio e na falta deste pelo sorteio previamente organizado."

Como se vê — continuou o general Ilha Moreira — a Constituição, estabelecendo o sorteio previamente organizado em successão ao voluntariado, autoriza o serviço militar obrigatorio, pois não se comprehende que em uma Republica democratica o sorteio possa admittir exceção, o que constituiria um privilegio, contrariando, portanto, o disposto no § 2 do art. 72 do nosso pacto fundamental; constituiria tambem uma arma perigosa ao talante dos politicos de uma situação dominante, para a perseguição dos parentes e amigos de seus adversarios.

E' um facto que o voluntariado exclusivo é insufficiente para prover os claros abertos nas fileiras do Exercito, mesmo reduzido ao efectivo de 18.000 homens, afastando por completo, pela sua insufficiencia, a possibilidade de fazer-se a selecção na acceptação dos voluntarios, obligando ainda a continuação do soldado profissional pelos engajamentos successivos.

Nestas condições — disse S. Ex. — o serviço militar obrigatorio impõe-se como medida indispensavel e moralisadora para o engrandecimento da classe militar, em beneficio da Nação, que assim terá seus filhos educados na obediencia das leis e aptos para mantel-a respeitada e prompta a repelir qualquer tentativa invasora de sua soberania. Só deste modo poderá-se-ão organizar as reservas do Exercito, que constituem o apoio unico e efficaz de sua existencia.

Por certo — ponderou o general Moreira — não se poderá ter em começo um serviço de sorteio perfeito, em consequencia da falta de alistamento na totalidade dos municipios dos Estados da Republica, continuando desse modo por alguns annos, levado á accão impatriotica de uns e á rotina desploravel de outros. Urge, porém, começar ainda mesmo com um systema imperfeito, porque só assim se poderá alcançar a sua perfeição. Nas capitais e nas prin-

cipaes cidades dos Estados o alistamento tem sido feito com maior ou menor regularidade, permittindo que se possa iniciar o sorteio por ahí, para depois estendê-lo para o interior.

O reduzido effectivo — continuou S. Ex. — de 18.000 homens, que vamos ter para o exercicio vindouro, como se annuncia, não constituirá motivo para que se deixe de dar inicio ao sorteio, desde que se prohiba o engajamento e que se mande dar baixa aos soldados maiores de 30 annos de idade, que são em numero consideravel; taes providencias farão baixar o efectivo do Exercito a menos, talvez, de 14.000 homens, sendo além disso certo que com a selecção feita no voluntariado ficar-se-á longe do efectivo orçamentario.

O impatriotismo — declara o general Ilha, com energia — e a rotina que se tem manifestado até agora, serão facilmente vencidos pela accão do Congresso Nacional, votando leis que concedam aos reservistas preferencia no provimento dos cargos publicos; permittindo localisarem-se, nos Estados que preferirem, em lotes de terra methodicamente distribuidos, à imitação do que se tem feito em alguns Estados, para os estrangeiros. Devem interessar-se nessa obra os governadores ou presidentes dos Estados, para que o alistamento seja feito em todos os municipios, e, finalmente, disseminar os batalhões do Exercito por varios pontos dos Estados do Norte, comprehendendo nessa providencia tambem os Estados de Minas e o de S. Paulo, afim de que o elemento civil melhor se familiarise com o militar. As sociedades de tiro que germinarão em profusão, desde que o sorteio seja uma realidade, serão tambem um factor de consideravel importancia na solução do problema da defesa nacional.

O povo brazileiro, pelo menos na sua classe menos inculta, não pôde ser taxado de infenso ao serviço militar, e a prova tivemos-na na guerra contra o Paraguay, segundo a lembrança desse tempo de nossa infancia e a versão que temos ouvido de que de todos os recantos das Províncias de então acorreriam os moços a alistar-se nas fileiras do Exercito ou nos corpos de Voluntarios da Patria, não sendo pequeno o contingente de estudantes, commerciantes e industriaes.

Um outro facto que demonstra o acerto dessa proposição consiste na affluencia ao



alistamento nos corpos de polícia da Capital Federal e nos das forças estaduais. Tenho robusta esperança no resultado da propaganda patriótica que está sendo feita por Olavo Bilac, Coelho Netto e outros homens de letras no meio mais conveniente e apropriado para um triumpho prompto e seguro, si o governo assim quizer. O entusiasmo da mocidade académica, seguido do exemplo infallível será comunicativo ás outras classes, podendo contar-se com a realisação do ideal que nos preocupa, por que é no seio della que reside o vigor e o futuro da Patria.

Nós precisamos ser fortes para sermos respeitados. Com um exercito organizado de 30.000 homens, que facilmente poderíamos manter, teríamos em 10 annos 150.000 reservistas passados pelas fileiras do Exercito, aos quaes addicionando-se os alistados da 2^a linha e suas reservas, alcançar-se-ia um Exercito superior a 500.000 homens, exercitados e trenados. Não nos illudamos, deixemos de utopias; o perigo está mais proximo do que geralmente se pensa. Cuidemos de nos preparar, se querermos continuar a ser nação autónoma e independente. Precisamos cuidar tambem desde já da industria siderúrgica, começando urgentemente pela exploração methodica e intensiva das nossas minas de carvão. Finda a guerra européa, vencedores e vencidos, no intento de restaurarem as suas forças productivas, não hesitarão em desenvolver a política imperialista, e a America do Sul, o Brazil principalmente, cujas riquezas antes já despertavam a cubiça de varios syndicatos, servirá de apoio á garra conquistadora.

E' preciso — termina S. Ex. — é indispensável ter sempre em mente a sabia e logica maxima piemontesa: "A defesa da terra não se faz com a força do direito, mas unicamente com o direito da força."

NOVOS MOLDES

Depois que a tropa preferiu, decididamente, o rumo da instrucção, assumiu um novo aspecto.

Elementos seus, dantes confundidos na ignorância das respectivas funcções, realçam.

As revistas de exame, fielmente, consagram-n'ó.

A companhia deixou de ser o capitão

e o sargento-chefe. Todos os seus órgãos venceram a inércia do desprestígio. Mais não passam despercebidas as pirronices retrogradadas, que raream mas existem ainda.

Os monitores estão seriamente convencidos da sua missão em vista do preparo da tropa.

As praças promptas, pacientemente, desvelam-se na tarefa de preceptores dos recrutas na vida jornaleira da caserna.

Estes, guiados pelas repetições intelligentes dos instructores, tocam com a razão a imponderabilidade dos principios estruturais do soldado. Alcançam, amplamente, o fim do exercito, o mecanismo das reservas — a inquestionável urgencia do sorteio militar.

Quanto vimos dizendo não é uma notícia sensacional aos camaradas. Seria ensinar a missa ao vigário.

E' uma recapitulação que nos enche de jubilo. Sempre a fazemos como um tónico contra as dissoluções ambientes.

Aliás, é opportuno irmos proclamando o que temos construído. Que se saiba virmos executando a nossa parte na orquestração (?) das nossas coisas militares. Embora sem remonta, sem trem regimental, sem columnas de munição, sem parques de coisa nenhuma, sem material, até mesmo sem soldados, todos nós trabalhamos.

Continuemos á procura do objectivo das presentes linhas.

O cabo de esquadra foi dos primeiros a se encaixar em seu lugar. Como chefe, logo progrediu com o uso integral das suas funcções. Em breve dissipou as ameaças de atrofia pela inacção. Houve tempo mesmo em que sobrepujou o conhecimento e a capacidade de mando do sargento.

Actualmente, tal já se não verifica. Nós, os instructores, demovemos as deficiencias do nosso inferior.

Entretanto os esforços ascensionaes do cabo estão precisando de apoio.

A convivencia com o soldado, no mesmo alojamento, não lhe é mais possível, talvez até tolerável.

Essa contingencia criada pelos caracteristicos do moderno cabo é preciso desapparecer. Hoje, elle é promovido não mais por méra proposta. Satisfaz a um concurso aberto em todo o regimento e cuja inscrição exige muito. Mede-se com todas as competencias e vence. As provas do concurso são de difícil solução.

Demais, não continuam a pesar sobre

sua individualidade as bobices simplicianas. As respostas de cabo de esquadra não ferem mais os nossos ouvidos.

Se trazemos á luz essa *questiuncula* é porque o pregar dos quadros e da tropa se depaupera com seus prejuizos.

E' extraordinario, parecerá, que uma questão tão sem vulto, profundamente prejudique o exito da instrucção.

No entanto é o que tem positivado uma meticulosa observação.

Na companhia em que sirvo, o meu capitão adoptou o alojamento privativo dos cabos. Foi-o no dos inferiores e separado deste por um tabique. E, foi adeante. Grupou os anspeçadas na direita do alojamento geral; em seguida os recrutas e imediatamente a estes os soldados promptos e corneteiros.

Tal dispositivo ventilou, moralmente, os homens.

Os cabos ficaram ainda mais convenientes das suas responsabilidades. Ao mesmo tempo vão se aclimatando ao meio que aspiram — o do sargento.

Os anspeçadas comprehenderam que são soldados distinguidos — especie de irmãos mais velhos dos demais. Souberam traduzir a razão dos recrutas — os caçulas — alojarem-se a seu lado.

Os soldados promptos viram, materializada a hierarchia em suas ultimas nuances cujas diluições ultimas as suas vistas quasi nunca alcançavam.

Os efeitos produzidos por tal dispositivo já se produziram. E, apenas se conta um mez de execução. O grão de instrucção e disciplina da companhia se elevou mais.

Não seria possível a generalização dessa idéa ao menos como experincia?

Mario Travassos.

Revista do Instituto dos Docentes Militares

O apparecimento do 1º numero da "Revista do Instituto dos Docentes Militares", apresentado por um editorial que traça um bello programma, a feitura da revista e os assumptos tratados, são cabal prova de que aquelles camaradas se não contentaram, como sempre acontece entre nós, com a organisação de programmes mais ou menos cheios de bellezas e... promessas, apenas.

A "Revista dos Docentes Militares", se os professores, como é de esperar, se mantiverem firmes na orientação promettida, virá prestar inestimaveis serviços á propria corporação, aos alumnos militares e ao Exercito.

Um outro aspecto de capital importancia é a composição do Instituto, na qual, ao lado de offi-

cias do Exercito se acham officiaes da Armada. Será isso mais um esforço para o almejado conhecimento reciproco das duas classes armadas, estreitando cada vez mais a solidariedade indispensavel á grandeza e felicidade de nossa cara Patria.

A "Defeza Nacional", conhecendo de perto as enormes barreiras que se apresentam aos que marcham na direcção de um nobre ideal e as grandes energias materiaes e moraes despendidas na sua divulgação pela palavra escrita, louva o esforço feito pelos docentes militares e com elles se congratula pelo primeiro *lance* e pelo objectivo collimado.

ALLEMANHA MILITAR

Dos relatorios do Barão Stoffel, addido militar da França em Berlin até a declaração de guerra de 1870.

Elementos de Superioridade Moral

Sob o ponto de vista moral, duas cousas contribuem para dar ao exercito prussiano vantagens incontestaveis sobre os outros exercitos europeus: 1º o principio do serviço militar obrigatorio; 2º a instrucção difundida em todas as camadas sociaes.

Serviço obrigatorio

E' inutil insistir de novo (insisti muitas vezes nos meus relatorios de 1866) sobre o valor moral que dá ao exercito prussiano a presença nas suas fileiras de todas as classes da nação, e a convicção de que o exercito e a landwher reunidos representam a nação inteira sob as armas. Quaesquer que sejam os defeitos que se possam encontrar na organisação militar da Prussia, como não admirar este povo que, tendo comprehendido que para os Estados como para os individuos, a primeira condicão é a de — existencia, — quiz que o exercito fosse a primeira, a mais honrada de todas as instituições; que todos os cidadãos validos participassem dos encargos de defender a Pátria ou aumentar a sua potencia; que os que participassem de taes encargos fossem, mais do que os outros, estimados e considerados. (1)

Para não falar senão dos officiaes, que bello exemplo elles dão a todas as classes! Vê-se, como em outras partes, os privilegiados pelo nascimento ou pela fortuna viverem numa ociosidade lamentavel?

Absolutamente não. Os filhos das mais ricas familias, todos os nomes illustres servem como officiaes, soffrem os trabalhos e as exigencias da vida militar, servem de exemplo, e em vista de um tal espectaculo, não somente se fica tocado de estima por este povo serio e rude, mas se vem a temer a força que dá ao seu exercito semelhantes instituições.

1) "Eu já disse, por mais de uma vez, que na Prussia todas as horas, todas as vantagens, todos os favores são para o exercito ou para aquelles que o serviram. Aquelles que por uma causa qualquer não foram soldados não obtêm nenhum emprego; nas cidades como nos campos são objecto de sarcasmo dos seus concidadãos."

* * Instrução obrigatoria

O principio da instrução obrigatoria está adoptado na Prussia ha mais de trinta annos, (1) e poder-se-ia mesmo dizer, desde Frederico — o Grande; a nação prussiana é a mais esclarecida da Europa, porque nella a instrução está difundida por todas as classes sociaes. As províncias da Polonia, unicamente, vivem ainda numa inferioridade relativa. Na França, onde se ignora completamente tudo quanto se refere aos paizes estrangeiros, não se suspeita siquer a somma de trabalhos de que a Alemanha do Norte é teatro.

As escolas populares abundam por toda a parte, e ao passo que na França o numero de centros de actividade e de produção intellectual se reduziu ao de algumas cidades, a Alemanha do Norte está coberta de fócos d'essa natureza, e, para ennumeral-os, seria preciso descer a contar as cidades de terceira e quarta ordens. Eu não insistirei sobre as vantagens que traz á composição do exercito uma instrução avançada, difundida por toda a nação. Mas não é singular que na França, pessoas ditas — *esclarecidas* —, se recusem a admittir essas vantagens? Não é pretender negar que a instrução e a educação desenvolvem as faculdades do homem, elevando seus sentimentos, dando-lhe uma mais alta comprehensão da sua dignidade?

Essas pessoas dizem ingenuamente que um exercito de soldados incultos, porém aguerridos, baterá um exercito de homens instruidos, que não possuam a experiência da guerra.

Ora, eu pergunto, qual o general que hesitaria um só instante se equiparados a força physica, a disciplina, os annos de serviço, etc., tivesse de optar entre o comando de douz exercitos de 100 mil homens, um composto inteiramente de estudantes da Escola Polytechnica ou de Saint-Cyr, outro composto de camponezes do Limousin ou de Barry?

Mesmo que elle não encontrasse outra vantagem alem da de instruir mais depressa as suas tropas de deposito, a sua escolha não seria duvidosa. Mas, ha outras: é sob o ponto de vista moral que um dos exercitos valeria dez vezes o outro. A este respeito eu me referirei ao que me contaram, na Bohemia, em Agosto de 1866, officiaes e sub-officiaes prussianos. Orgulhosos, elles atribuem, os seus sucessos, em grande parte, á superioridade intellectual dos seus soldados: "Logo apoz os primeiros combates, nossos soldados se encontraram pela primeira vez em presença dos prisioneiros austriacos, que viram e interrogaram, dos quaes muitos apenas sabiam distinguir a direita da esquerda, e não havia um só dos nossos que não olhasse a si proprio como um Deus, comparado aos austriacos, e essa convicção eleva dez vezes as nossas forças."

* * Sentimento do dever

Eu devo ainda assignalar uma qualidade que caracterisa particularmente a nação prussiana e contribue para conhecer o valor moral do seu exercito: é o sentimento do dever. Elle está desenvolvido em tão alto grão e em todas as classes do paiz, de maneira que cresce a nossa

admiração á medida que aprofundamos o estudo do povo prussiano. Não me propondo pesquisar a causa d'este facto, limito-me a cítalo. A prova mais notável d'este apêgo ao dever é fornecida pelos empregados de todas as cathegorias da monarchia: pagos com uma parcimonia verdadeiramente assombrosa, communmente carregados de familia, os homens que constituem tal pessoal trabalham durante todo o dia com um zêlo infatigavel, sem se lamentar, sem parecer ambicionar uma posição mais elevada. "Nós nos defendemos de tocal-a, dizia-me um d'estes dias M. de Bismark; esta burocacia que muito trabalha e é mal paga, satisfaz todas as nossas necessidades e constitue uma das nossas forças principaes."

* * Elementos de superioridade material — Serviços especiaes organizados permanentemente

Como elementos de superioridade material de vantagens para a Prussia, eu citarei, antes de tudo, a facilidade que lhe dá sua organisação militar para crear certos serviços especiaes, taes como as companhias de padioleiros, as companhias de caminhos de ferro, as divisões de telegraphia, etc.

Eu já fiz conhecer nos meus relatórios de 1866 todos os detalhes relativos a esses diversos serviços; eu indiquei as funções e composição em pessoal e material; aqui me limitarei a lembrar que, graças á instituição da landwehr, esses serviços são organizados sem que o efectivo dos combatentes do exercito fique diminuido, em tempo de paz, de um modo permanente. Uma palavra; entretanto, sobre as companhias de padioleiros. Nós não as adoptamos em França; seria digno d'um ensaio, eu creio, designar em cada companhia de infantaria, no momento de entrar em campanha, 4 ou 5 homes para se encarregarem do serviço de levantamento de feridos. (1) A experiência depressa nos fará reconhecer que companhias organizadas na paz, com instruções e funções bem definidas, prestam melhores serviços. Se a organisação das companhias de padioleiros tivesse um fim somente philantropico, poder-se-ia passar sem ella; mas a sua influencia no combate parece incontestavel.

O que nós vimos, sobre os campos de batalha da Italia? Quando um soldado era ferido, tres ou quatro visinhos seus deixavam os postos que ocupavam, sob o pretexto de o conduzir. Este grave inconveniente não seria diminuido se os soldados soubessem que um serviço sufficiente e especialmente organizado viria soccorrer-los sobre o proprio campo de batalha? As companhias de padioleiros na Prussia são compostas de homens da landwehr, apresentando todas as garantias de sejaveis de moralidade e bôa conducta. E' de crer que os nossos 4 ou 5 homes por companhia não ofereçam no mesmo grão as condições acima referidas.

Tiro de infantaria

Se o nosso fuzil modelo 1866 reune todas as qualidades que se lhe attribue, a França nada tem que invejar a Prussia, quanto ao seu armamento de infantaria, porquanto o seu é superior até! Não se poderá negar, entretanto, que com-

(1) Esta archaica resolução proposta à França naquella época, foi por nós adoptada agora...

parando o temporamento dos dous povos, os fogos da infantaria prussiana, havendo igualdade de condições, serão mais temíveis que os da infantaria franceza. O soldado prussiano, menos impressionável que o nosso, atirará com mais sangue frio e justeza. Esta convicção está esplêndida em todo o exercito prussiano e eu ouço exprimirem-n'a constantemente. Accrescentarei ainda o facto de nós não dispensarmos grande atenção á instrução do tiro. Na Prussia se dispensa um cuidado extremo.

São entregues a cada batalhão 120 cartuchos por homem e por anno, qualquer que seja a sua antiguidade de serviço, e mais 4000 para os exercícios de conjunto. (1) Alem disso, a artilharia dá aos batalhões que, depois dos tiros, entregam material aproveitável (estojos etc.), um certo numero de cartuchos, que são empregados na instrução de atiradores menos habéis, resultando que cada soldado consome mais de 130 cartuchos.

Todos os officiaes dos regimentos participam da instrução prática e são escripturados nos registros de tiro. Os coroneis, os generaes, assistem os exames do fim de anno, afim de patentearem a importancia que atribuem á instrução do tiro; comprehendem desde muitos annos que quanto maior for o aperfeiçoamento introduzido no fuzil de infantaria, mais necessário se torna uma esmerada instrução do tiro.

Tiro de artilharia

Precisamos tomar o nosso partido na hypothesis d'uma guerra entre a França e a Prussia: diremos então que o material prussiano é muito superior ao nosso. Na verdade, os reparos da nossa artilharia são mais leves que os da artilharia prussiana; nossas peças atreladas têm maior mobilidade, porem as duas peças de campanha (4 e 6) prussianas atiram com maior justeza que as nossas e tem muito maior alcance. A memoria allemã que ajuntei ao meu relatorio de 20 de Fevereiro ultimo, não deixa subsistir nenhuma duvida a esse respeito. Alem disso, as peças prussianas podem atirar com maior rapidez do que as nossas.

De onde provem a justificativa de um bom numero dos nossos officiaes de artilharia não considerar esse facto como uma vantagem e pretendem que os nossos canhões atiram com velocidade suficiente? Ninguem ignora que na guerra se apresentam circunstancias onde seria desejável poder lançar, n'um tempo dado, seja sobre tropas, seja contra artilharia, um numero de projectis maior de 1/4 ou 1/5. Quanto á maior justeza dos tiros dos canhões prussianos, eu reputo um facto por tal modo essencial, que farei objecto d'um relatorio especial. No que concerne ao pessoal da artilharia prussiana, não está, relati-

(1) Nós possuímos um bom R. T. I. organizado segundo as idéas prussianas, porem não dispomos dos meios materiais de pol-o em prática. A condição elementar de execução do novo R. T. I. seria a existencia de Stands, para o tiro de instrução — e campos de tiro, para os-tiros de combate. Nós, n'esta III Região Militar, possuímos, graças à iniciativa do Exmo. Sr. General João José da Luz, uma linha de tiro, cuja extenção maxima é de 300 metros.

Na qualidade de encarregado da mesma, fiz a consulta seguinte:

a) Podem ser feitos a 300 metros, os exercícios ns. 12 e 13 do R. T. I. (tiros a 400 metros), maximo da distancia da linha de tiro que posse esta Região?

b) Na hypothesis negativa, os exercícios devem ser interrompidos? Tres podem ser as respostas: archive-se; interrompa-se a instrução; faça-se uma linha de acordo com as exigências do regulamento. Enquanto isso — esperamos.

vamente a instrução, á altura do nosso, pela razão de servirem os artilheiros prussianos apenas dous annos no exercito activo. Quanto aos officiaes, se bem que não gosem da consideração que gosam os das outras armas, inversamente do que se dá na França, a sua instrução em nada cede a dos officiaes franceses.

Artilharias prussiana e austriaca

E' aqui lugar de falar, como digressão, de um erro que se fez crença desde a guerra de 1866.

Tem se escripto e repetido que a artilharia austriaca é superior á artilharia allemã. Tal julgamento é de fonte austriaca, induzindo-nos á desconfiança, portanto. Para quem conhece os factos da campanha da Bohemia e pretende fazer justiça, o erro é completo.

Se quizermos nos limitar a dizer que, na campanha de 1866, a artilharia austriaca causou maior danno á prussiana, que a artilharia prussiana á austriaca, diremos a verdade. Mas precisamos explicar porque. Na primavera de 1866 a Prussia não tinha acabado ainda o seu novo material de aço (4 e 5) de maneira que foi obrigada a entrar em campanha com 1/3 de canhões de bronze (12), lisos.

Ora, este ultimo material não foi de nenhuma utilidade, porque não se apresentou uma circunstancia em que as peças de 12 tivessem podido se collocar em bateria diante das peças raiadas e de grande alcance da artilharia austriaca. Todos os officiaes prussianos têm me confessado que elas não constituiram mais do que um embaraço, do primeiro ao ultimo dia da campanha.

Pelas circumstancias estratégicas da campanha, a offensiva, na maior parte dos combates tomada pelos prussianos: como em Nachoal, Skalitz e Trantenau, suas divisões, ao desembocarem dos disfiladeiros, encontraram os austriacos já formados, d'onde resultara que as dificuldades se tornaram muito maiores para os artilheiros prussianos, que, sobre um terreno desconhecido, tinham de escolher rapidamente posições convenientes. A batalha de Sadowa offerece o exemplo mais frisante. A artilharia austriaca ocupou com antecedencia, coberta por espaldões, todas as posições culminantes nas alturas que se estendem de Maslowedod á Prim, ao passo que a artilharia prussiana, que atacava, teve de vencer as dificuldades que acarretava escolha rápida de posição favorável num terreno desconhecido e dominado.

Assim então, a artilharia prussiana, durante a campanha da Bohemia, não pôde tirar nenhum partido de 1/3 do seu material de bronze, e é a esse material que atribuem o papel difícil que lhe coube nos diversos combates. Tal é a dupla razão pela qual a artilharia austriaca, de facto, causou maior danno á prussiana. Mas eu repito: — é falso pretenderem que a artilharia austriaca seja superior á prussiana. O material prussiano é melhor, com efeito, que o material austriaco, como se vê do relatorio allemão que eu enviei a 20 de Fevereiro ultimo, e os officiaes de artilharia prussianos são mais instruidos que os austriacos.

Eu ignoro se ha uma diferença na instrução das tropas.

Quiz por esta digressão, desfazer um erro que cada vez mais se avoluma nella crença. O que contribuiu para nascer esse erro, foi o facto de, em Sadowa, uma parte da artilharia austriaca

revelar um devotamento quasi heroico, tentando cobrir a retirada no fim da batalha.

Eis, segundo o que precede, o resumo dos elementos de superioridade particulares ao exercito prussiano:

Sentimento profundo e salutar que o principio do serviço militar obrigatorio derrama no exercito, collectividade que encerra toda a parte viril da Nação, todas as intelligencias, todas as forças vivas do paiz, e que se pode olhar como — a nação em armas;

O nível intellectual do exercito mais elevado que em nenhum paiz do mundo, graças a uma instrucção geral vasta, difundida por todas as classes sociaes;

Fogos de infantaria mais temiveis, graças ao temperamento particular dos allemandes do Norte e aos cuidados extremos dispensados á instrucção do tiro;

Material de artilharia de campanha bem superior ao nosso em justeza, alcance e rapidez de tiro.

(Continua)

ticular não seria compensador em vista daquelle dupla causa de pequenez do mercado.

A mesma razão não justifica, porém, a nossa abstinencia oficial: ha o Estado-Maior e ha a imprensa militar, que podiam e deviam pôr em circulação esse genero de primeira necessidade da instrucção militar — manuaes para soldado. Teriam elles partes communs a todos, relativas ás noções necessarias a todo militar, e partes especiaes, referentes ao material, armamento e instrucções peculiares a cada arma.

Imitando o indice de um manual do soldado allemand, que os tem á escolha em cada arma por diversos autores, apresentamos aqui o traçado de um "Manual para a instrucção do artilheiro e do conductor da artilharia de campanha"

1^a Parte

I Introducção: o tributo do serviço militar.

II O juramento á bandeira.

III As obrigações do soldado.

IV As transgressões da disciplina.

V O governo nacional.

VI Resumo da historia militar do Brazil.

2^a Parte

I A força armada em terra e no mar.

a) A força de terra.

1. Generalidades.

2. O serviço obrigatorio.

3. As diferentes armas: generalidades, armamento, composição, tactica.

4. Composição do exercito na paz. Distribuição das unidades.

b) A força naval.

II Os superiores do soldado. Classificação. Uniformes e distintivos dos combatentes e das classes annexas do exercito e da marinha.

III Conducta do soldado para com os seus superiores. Educação militar. Continencia.

IV O exterior do soldado: fardamento e equipamento. Generalidades, disposições vigentes sobre sua economia, cuidados.

V Vencimentos e alimentação.

VI Serviço de guarda de quartel, de cavalaria ou de alojamento.

VII Conducta do soldado em fórmula, por occasião de pedidos ou queixas, durante licenças, em serviço fóra de fíleira, como reservista.

VIII Noções do código penal.

IX A saúde do soldado. A hygiene. O serviço de saúde militar. Emprego do pacote de curativo individual.

3^a Parte

I Nomenclatura sumaria do material de artilharia de campanha. Sua conservação.

II Idem do armamento portatil:

1. mosquetão.
2. pistola.
3. espada.

III Noções sobre o tiro do mosquetão. Conducta dos marcadores no alvo.

IV Noções sobre o tiro de canhão.

V Nomenclatura sumaria do cavalo. Limpeza e modo de o tratar.

VI Nomenclatura do arreiamento de montaria e de tracção. Sua conservação.

VII Reparações de urgencia nas viaturas e no arreiamento.

4^a Parte

I A gymnastica (R. Gymn.)

II A instrucção a pé. (R. E. I. limitado)

III A equitação e a tracção.

IV A instrucção especial de artilharia (R. E. A.)

V O tiro de mosquetão: tiro individual, suas especies e condições a preencher.

VI A instrucção de signaleiros (I. Sign. e R. E. A.)

5^a Parte

O soldado nas marchas, nos transportes em estrada de ferro ou em navios, nos exercícios de grande unidade e manobras, e em campanha.

A doutrina e os processos de exercício

(Aplicação e interpretação do R. E. I.)

O genero deste trabalho não comporta excessivas preocupações litterarias, e dado o seu destino essencialmente pratico, preferi ser redundante a ser omisso. Abundam aqui as repetições de palavras, o que traz uma forma pouco elegante ao modo de dizer, cousa que não me preocupa, além da clareza.

Os que forem habeis manejadores da lingua, que accomodem ás exigencias do estylo as suas cogitações tacticas; eu me contento com muito menos. Conhecedor do

meio, trato de prevenir hostilidades, no que elles me parecem mais cabiveis.

Substituindo os croquis topographicos que acompanham o original pelos panoramas desta traducção, devidos á dedicação profissional do 2^o tenente de engenharia Renato B. Nunes, removo uma das maiores dificuldades em que muitos iriam esbarrar, deixando-lhes a possibilidade de apprehenderem o principal pela simples inspecção das figuras relativas a cada thema. Posteriormente, não será difficult a quem quer que seja organizar no terreno exercícios semelhantes, nas situações as mais variadas, applicando sempre as indispensaveis prescripções regulamentares.

Este trabalho visa quasi que só a difusão dos modernos processos de exercicio, decorrentes dos actuaes processos de combate. Calcados os themes em pontos de doutrina que os actuaes acontecimentos militares difficultemente alterarão, destinam-se a todo mundo, pelo que vão expurgados de qualquer pedantismo, tal qual o brilhante trabalho do instructor allemão, quando a serviço da Argentina.

Não se trata de uma traducção completa do trabalho de von Below, mas, das partes que nos podem actualmente ser uteis.

Quem se dér ao incommodo de confrontar os *Ejercicios de Batallon* ou *Interpretaciones del Nuevo Reglamento de Ejercicios para la Infanteria* com as páginas que se seguem, verá que o meu trabalho de explanação não foi pequeno e que me vali, de quando em vez, de alguma experiência adquirida no terreno, em consecutivas applicações dos methodos allemães.

Estes exercícios são dos que a tropa não ha de esquecer no campo de batalha, o que não succede aos do processo actualmente em uso, quasi os mesmos de que nos serviamos no tempo das velhas columnas de ataque. As consequencias deste facto não podem ser outras: os preceitos regulamentares, apesar de simples, não são aplicados nem comprehendidos, porque cada qual os commenta á luz de uma doutrina que resvalou pelos limbos do passado.

Introdução

(Hans von Below)

O aperfeiçoamento das armas de fogo obriga-nos a procurar os meios efficazes de tirar o maior rendimento dos artefactos de guerra, diminuindo ao mesmo tempo os efeitos dos modernos meios industriaes de que o inimigo tambem dispõe.

No entanto, não é possível prescrever os meios de acção a serem postos em prática, porque a tática não se funda em "receitas".

O que convém a um caso, em regra não convém a outro. Cada combate possue uma individualidade propria, que depende das aptidões dos contendores, de seus meios de acção, de seus respectivos modos de combater e do **terreno**.

A historia das guerras modernas ensina que a superioridade pertence ao partido que melhor adapta o seu modo de agir ás condicções da luta, pondo em prática o que corresponde ás necessidades do momento.

A causa de muitos fracassos militares reside nos schemas dos velhos regulamentos. Por esse motivo, os novos regulamentos aboliram as fórmas "modelos" e deixaram a maior amplitude quanto á escolha dos meios para chegar aos fins. Assim, desapareceu a velha "escola de combate".

Trata-se, hoje em dia, de desenvolver a iniciativa de cada um, commandantes, officiaes ou praças, para que empregue em combate **o que prometta exito**.

Conclue-se, pois, que vencerá em igualdade de condições quem melhor souber reconhecer a individualidade do campo de batalha, empregando todos os meios para se tornar senhor da situação, mesmo levando em conta certas eventualidades. Isto requer o aproveitamento de todas as faculdades individuaes, que não devem ser amarradas a schemas, mas provocadas em seu desenvolvimento por uma boa instrucção, em exercícios de combate.

**

O R. I. S. G. fixa em 4 semanas o periodo de exercícios de batalhão. Bastavam apenas 15 dias, o que corresponde perfeitamente ao espirito do *Regulamento de Exercícios para Infantaria*. Effectivamente, diz o regulamento, n.º 9: "Os exercícios de escola não vão além da companhia". Segue-se que não cabe ao commandante do batalhão desenvolver os "exercícios de escola". Incumbe-lhe, no maxímo, uniformizar, segundo o regulamento, a instrucção das companhias.

Ao começar a instrucção do batalhão, os trabalhos de "escola" já devem estar terminados.

O commandante do batalhão dirige sua unidade por meio de ordens, dadas

verbalmente aos commandantes de companhias, ou a elles transmittidas pelo ajudante. Quando, em casos especiaes, quer commandar o batalhão por meio de vozes, previne disso os capitães (R. E. I. n. 255).

Essas disposições correspondem ás necessidades da tática moderna, porque em combate não se dirige mais um batalhão por meio de vozes. Mas, se a instrucção da tropa tiver sido "dirigida racionalmente, se ella souber fazer tudo que a guerra exige, e no campo de batalha nada tiver que despresar do que aprendeu no tempo de paz", (R. E. I. n. 512) — qual será o objecto dos exercícios de batalhão?

— Dar ao commandante oportunidade de preparar-se no que diz respeito á direcção de seu batalhão, dando ordens que correspondam á realidade.

— Dar aos capitães oportunidade de dirigir suas companhias dentro dos batalhões, executando as ordens do commandante.

— Dar a toda a tropa occasião de conhecer o conjunto do combate e, por consequencia, de comprehender a missão das unidades dentro do quadro do batalhão.

Inimigo e bandeirolas

Além da hypothese, o commandante comunicará tambem ás companhias o distintivo do inimigo e o significado das bandeirolas empregadas.

Quasi sempre é preferivel representar o inimigo por outras tropas, porém, como o ensino exige que se dê muitas vezes ao inimigo um papel passivo, ou mesmo que se suspendam os exercícios para fazer correções, a tropa representativa do inimigo ficaria prejudicada em sua propria instrucção.

Considerando simultaneamente a instrucção dos partidos, a representação do inimigo seria reciproca, o que traria um só exercicio para os dois partidos. Isto redundaria, por força das circumstancias, em manobra livre, o que aumenta sobremodo as difficuldades da direcção.

O emprego das bandeirolas é sobre tudo um recurso para as pequenas guarnições isoladas e, si bem que delicado por sua natureza, presta-se facilmente a conduzir o exercicio **segundo um fim**.

O commandante do batalhão restringirá o menos possível a liberdade de acção do official que dirige o inimigo figurado — sem que seja impedido de prescrever, em

certas ocasiões, por exigencia do programma de ensino, o modo de acção do referido official.

Empregam-se, geralmente, bandeirolas vermelhas (*) para representar a infantaria inimiga, bandeirolas azues para representar a infantaria amiga, bandeirolas brancas para representar a cavallaria e, amarellas, para artilharia.

Qualquer outra combinação é permitida, desde que a tropa a conheça com antecedencia. Para dar a entender que uma tropa, ou inimigo, soffreu perdas serias, uzam-se bandeirolas apropriadas a serem mostradas, por ordem de quem dirige o exercicio, da linha que se resente das hypotheticas perdas.

As bandeirolas de perdas podem ser amarellas, com uma cruz preta, bem visivel, no centro.

E' conveniente que a bandeirola de infantaria não seja demasiadamente grande, e que um infante a possa conduzir, além do fuzil, pelo que pôde ser um quadrado de 0m, 50 de lado, fixo á extremidade de uma haste de 1m., ferrada.

Conforme a especie da bandeirola, o soldado deve plantal-a no terreno, funcionando depois como atirador. Pór isso, é recommendavel que os portadores de bandeirolas marchem sem mochila, mas com os fuzis, cartucheiras, etc. Convém que as bandeirolas representativas de cavallaria e artilharia sejam leves e pequenas. E' preciso determinar com antecedencia se as bandeirolas significam a extensão de uma linha, ou se cada uma deve representar uma companhia, etc. Si se trata de representar uma linha de atiradores, é do maior proveito que as bandeirolas acompanhem a extensão da frente, de acordo com o que naturalmente se poderia ver na guerra. Cada individuo empregado para simular inimigo deve ficar com o corpo em posição tal que corresponda á realidade. O emprego da bandeirola deve corresponder ao razoavel emprego da tropa. Não se deve, por exemplo, esconder numa casa a bandeirola branca, que representa um esquadrão, para fazel-o sahir de surpreza e carregar a 100 metros, nem tão pouco mostrar a bandeirola de uma cobertura onde a tropa realmente encontraria um abrigo contra as nossas vistas, ou contra as vistas do partido contrario. Quanto á representação da artilharia, é recommendavel o emprego de pequenos espelhos,

desde que haja sol, para com os reflexos dos raios solares dar a impressão dos clarões. Se o sol permite o emprego do espelho, as bandeirolas amarellas são postas atraz da elevação, no logar das peças (desenfiamento), como objectivo á exploração da cavallaria; em caso contrario, é preciso deixal-as visiveis. Em quanto os batalhões não tenham as 4.^{as} companhias, devemos

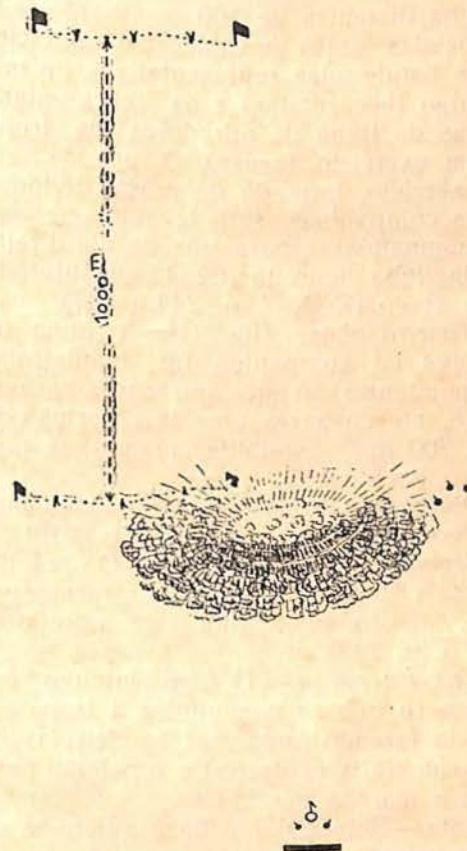


Fig. 1 — Preparação do exercicio

A' frente, o oficial que conduz o pelotão, seguido por 2 avaliadores de distâncias (R. E. I. n. 193). A' direita a patrulha de flanco.

represental-as por uma bandeirola e alguns soldados. Não obstante ser regra geral nas manobras representar por bandeirolas as tropas de reserva, o commandante do batalhão poderá empregar em 1.^a linha a 4.^a companhia figurada, com a frente que lhe caberia ocupar, para que cada companhia tenha oportunidade de praticar em 2.^a linha.

Vamos proceder, na explicação dos exercicios que se seguem, como, se os corpos fossem de 4 companhias mesmo em tempo de paz.

*) Vide R. M. E. n. 58

Com os nossos fracos efectivos orçamentarios, somos obrigados ao emprego das bandeirolas em larga escala, o que não é o que mais convém á instrucção da tropa.

Primeiro exercicio de pelotão em pé de guerra

(Em 5 phases de ensino)

Preparação do exercicio — Separadas por uma distancia de 100 ms., serão colocadas, antes de começar o exercicio, as bandeirolas representativas do inimigo (encarnadas) e as representativas da linha de atiradores da tropa em exercicio (azues). O pelotão em exercicio, formado de praças de todas as companhias, será levado por seu commandante para trás da ala direita da linha figurada (fig. 1), constituindo o apoio (R. E. I. n. 244 a 247).

Primeira phase (fig. 2) — A linha de atiradores da companhia (as bandeirolas correspondentes) avança por lances na zona de fogo, até chegar a uma boa posição de tiro, a 700 ms., escolhida quando se preparou o exercicio.

Objecto — Observar como o commandante conduz o apoio (R. E. I. n. 246).

Segunda phase (fig. 3) — O pelotão receberá ordem de reforçar por prolongamento, á direita, a linha de atiradores (R. E. I. n. 248).

Terceira phase — O fogo inimigo enfraquece (o que se communica á tropa em exercicio fazendo aparecer bandeirolas de perdas na linha contraria) e o pelotão base retoma a marcha por lances.

Nota — Pelo pelotão base guiam-se os demais pelotões.

Quarta phase — Quando o ataque chega a 400 ms., o inimigo (bandeirolas encarnadas) retira-se, oferecendo bons alvos.

Perseguição pelo fogo.

Quinta phase — Reunião da companhia (R. E. I. n. 252) sobre um dos pelotões.

Acção do commandante do batalhão durante o exercicio

Ao commandante ou director do exercicio cumpre ir creando, as situações de cada phase.

Compete-lhe, tambem, chamar a atenção dos capitães para as divergencias de interpretação dos regulamentos de uma companhia para outra, o que lhe será facil constatar pela desigualdade de execução entre as fracções fornecidas pelas diversas

companhias, para completar o efectivo de guerra do pelotão. O ajudante, ou um oficial escalado para isso, tomará notas para a critica, que o commandante fará ao terminar o exercicio ou logo depois, em occasião que mais convenha.

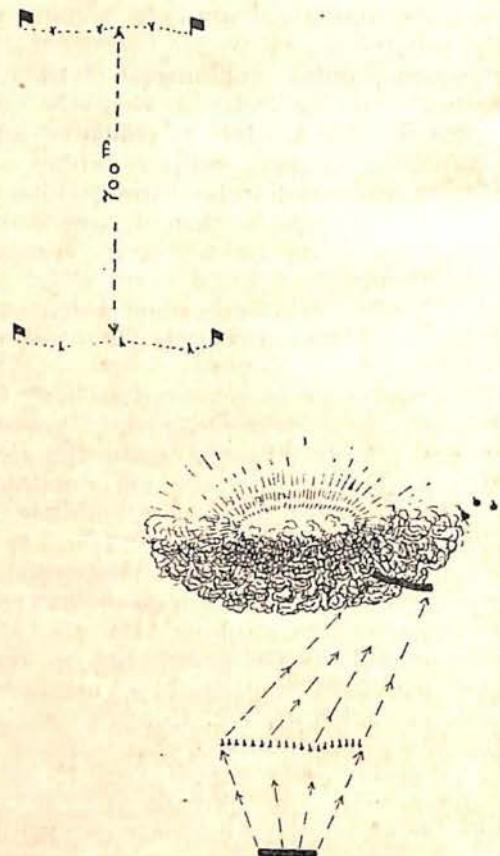


Fig. 2 — Primeira phase

O pelotão passa a ordem aberta e avança por lances de esquadras até ao abrigo, onde se reunem.

Durante a marcha de regresso, o commandante virá fazendo os seus reparos quanto á disciplina de marcha das companhias, já entregues a seus capitães, com a dissolução do pelotão de exercícios.

Segundo exercicio de pelotão em pé de guerra

(Em 4 phases de ensino)

Preparação do exercicio — Separadas por uma distancia de 800 ms. serão collocadas, antes de começar o exercicio, as bandeirolas representativas do inimigo (encarnadas) e as representativas da linha de atiradores da tropa em exercicio (azues). O pelotão que

vai fazer exercicio, formado de praças de todas as comp'nhias, será levado por seu commandante para tráz da ala esquerda da companhia.

Primeira phase (fig. 4) — Um esquadrão de cavallaria, simulado por um official ou praça montados, com uma bandeirola branca na mão, sae de trás do bosque e carrega a 700 ms. contra o pelotão, persistindo o fogo do inimigo que defronta a linha de atiradores.

Nota — Vide R. E. I. n. 486 e 154.

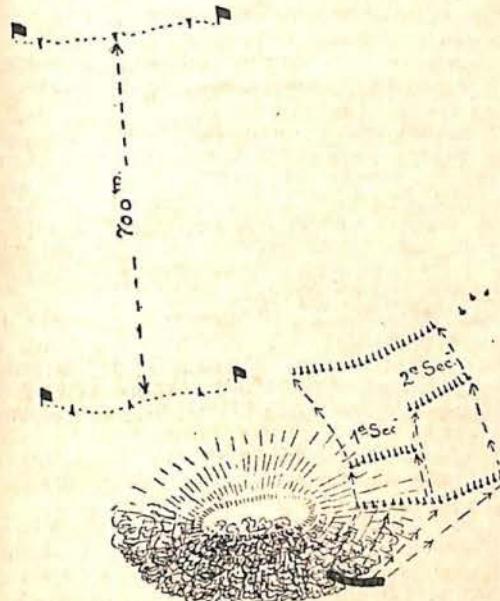


Fig. 3 — Segunda phase

Reforço da linha de atiradores por prolongamento. Lances de secções

Segunda phase (fig. 5) — A cavallaria retira-se, mas a 700 ms., na frente do bosque, numa direcção obliqua e com uma frente de 100 ms., surge uma nova linha de atiradores que ataca a ala esquerda da companhia. Trata-se de um inimigo que até então se mantivera occulto, e que se acha *representado* (R. M. E. n. 1, d) pelo resto de uma companhia. O commandante do pelotão não recebe ordens e deve agir pela propria iniciativa.

Observação — Neste exercicio poderá o commandante do batalhão inspecionar:

- A attenção das patrulhas de combate no flanco;
- A iniciativa do tenente;
- O emprego e aproveitamento do terreno;
- O desenvolvimento do pelotão;
- O fogo e a respectativa distribuição em ambos os partidos.

O movimento do inimigo recem-apparecido será feito de acordo com o do inimigo figurado (R. M. E. n. 1, d).

Segundo a conducta dos partidos ou o interesse do ensino, o ataque obterá exito ou será repellido.

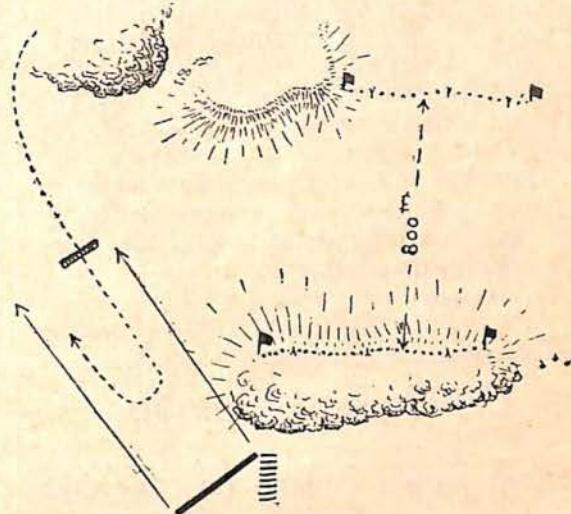


Fig. 4 — Primeira phase

Como «para repelir a cavallaria toda formaçāo é bôa, etc.» (R. E. I. n. 486) o commandante do apoio ordena: Direcção áquellea arvore, no bosque (mostrando). Para atirar. Em linha pela esquerda, etc. (R. E. I. n. 154).

Terceira phase — Retirada (normalmente á direcção da frente) ou perseguição.

Quarta phase — Reunião da companhia. Crítica e marcha de regresso.

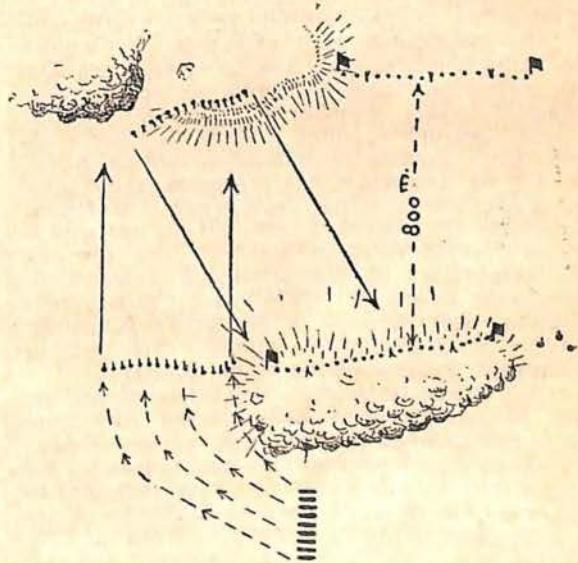


Fig. 5 — Segunda phase

Repellida a cavallaria, o pelotão volta á disposição primitiva. D'ahi, effectua oportunamente o reforço da linha. (R. E. I. n. 196).

Conclusão — Bastando os exemplos acima, estão terminados os exercícios táticos de pelotão, aos quais devem comparecer, além dos officiaes designados para commandar, todos os outros officiaes do corpo.

Agora, formando um pelotão com o pessoal de cada companhia, o batalhão dará pelo menos uma companhia de efectivo reforçado, para os exercícios táticos que se devem realizar de 2 em 2 semanas.

Compete ao commandante escalar o capitão e os tenentes que tomarão parte em cada exercicio. Os demais officiaes comparecerão obrigatoriamente.

(Continúa)

2º tenente F. Paula Cidade

Do R. Eq. Allemão

Regras para o ensino dos recrutas

GENERALIDADES

A destreza dos recrutas a cavallo influe no rendimento do esquadrão não só no corrente anno de instrução, mas tambem nos annos seguintes. Por isso a instrução dos recrutas reclama o mais conscientioso trabalho. Deve-se constantemente fazer questão principal de obter o assento correcto. Uma vez adquirido um defeito de assento, muito difficilmente se conseguirá extirpal-o mais tarde.

Instructores bem conhecedores do curso e do objectivo da instrução equestre dos recrutas e cavallos preparados, bem dispostos, são condições imprescindíveis para que ao cabo apenas de seis mezes os recrutas possam ser dados por promptos para o esquadrão. E' mistério antes da incorporação dos recrutas e ainda no correr da instrução, proceder a meticulozo ensino do instructor de recrutas e dos sargentos seus auxiliares, que hão de dirigir escolas sob suas vistas, a respeito da marcha a observar na instrução.

No periodo entre as manobras e a chegada dos recrutas, os cavallos destinados ás respectivas escolas devem ser trabalhados sob bons cavalleiros, observando-se a necessaria poupança. Pelo fim dessa preparação tambem convém fazer os cavallos trabalharem de rédea auxiliar.

Elles devem aprender a andar calmamente um atraç do outro, com as distancias, ao trote e galope, mascando no bocado, e assim se conduzirem mesmo dando-se um nó nas rédeas. Além disso é conveniente fazer trabalhar na guia alguns cavallos de cada escola, destinados á instrução de recrutas de compleição fraca ou que se atrazem. Se no correr da instrução dos recrutas alguns cavallos perdem a attitude, é preciso restabelecel-os na boa forma fazendo-os trabalhar por bons cavalleiros.

E' de grande importancia para o bom exito da instrução a boa combinação do cavalo e ca-

valleiro. A conformação, a vivacidade nos movimentos, o grão de adextramento e o temperamento do cavalo influem grandemente quanto ao assento do cavalleiro. Por isso certos cavalleiros sentam-se bem em alguns cavallos, mal em outros. O instructor deve ser capaz de acertar com o cavalo que sirva para cada cavalleiro. Para aumentar o desembaraço dos recrutas a cavalo, deve-se mais tarde em algumas aulas mandar trocar cavallos.

Sempre que o estado atmospherico o permitir, a instrução terá lugar nos picadeiros ao ar livre; não obstante, é necessário levar ás vezes os recrutas ao picadeiro fechado para confirmalos em certas lições. Desde que o assento esteja de algum modo consolidado, os recrutas devem ser levados, si possível uma vez por semana, á praça de exercícios ou ao terreno variado. Então se fará exercícios em longas linhas e andaduras mais largas, bem como passagem de obstáculos de toda especie.

O ensino diario deve durar em regra pelo menos hora e meia. Para aproveitar esse tempo sem fatigar demais os cavallos e os homens é necessário que o instructor proceda com methodo. Quanto mais tempo se conseguir para a equitação tanto mais radical poderá ser o ensino individual e tanto mais poder-se-á poupar os cavallos, intercalando pausas de descanso.

Essa poupança é indispensavel em vista das fadigas supportadas nas manobras e a muda do pello. Aproveitar-se-ão as pausas de descanso com a preparação do recruta sobre as missões que se lhe apresentarão mais tarde como estafeta e atirador.

A equitação pratica deve ser precedida de um detalhado ensino theorico no cavallo vivo ou no cavallo de páu.

Lições que dependam muito do entendimento do cavalleiro devem préviamente ser ensinadas individualmente. O tempo assim empregado é depois largamente compensado. O meio mais rapido dos recrutas entenderem as lições novas consiste em o instructor ou um auxiliar, que deverá haver em cada escola, mostral-as pessoalmente a cavallo, ao mesmo tempo fazendo vér os erros que ahi se podem commetter e como corrigil-os. Evite-se a preocupação de fazer decorar certas lições, tendencia que se manifesta em alguns instructores especialmente nas proximidades das revistas de exame. Ao contrario, o instructor deve frequentemente fazer exigencias novas, de surpreza. Nas pausas ao passo, e mais tarde em todas as andaduras, o instructor deve se entreter seguidamente com os recrutas para despertar-lhes a actividade intelectual e ensinar-lhes o falar alto com o cavallo em movimento rapido. Assim se educam os homens como cavalleiros attentos, desperta-se sua capacidade de resolução e iniciativa, bem como se desenvolve sua ação sobre o cavallo. Numa escola de recrutas assim instruida descobre se pelo olhar o espírito emprehendedor e o gosto pelo serviço. Mas semelhante espírito só pôde creal-o um instructor que, pelo gosto e amor á equitação, por montar bem e pela sua natureza vivaz, seja um modelo para sua gente.

E' preciso vigiar constantemente o estado de saúde dos recrutas, pois do contrario serão inevitaveis as baixas na escola. Ferimentos pelo attrito, accidentes e resfriamentos, podem ser evitados mediante ensino aos homens e comedimento nas exigencias da instrução.

O instructor deve educar o cavalleiro em amar seu cavallo e esclarecer-lhe que o bom trato bem como toda poupança licita, redundam em seu interesse pessoal.

Elle deve fazer comprehendêr aos seus instruidos que um *cavallo obediente, esperto e fiel ao seu cavalleiro é a melhor arma*.

UNIFORME E ENSILHAMENTO

O recruta comparece ao primeiro ensino de equitação em *uniforme de montar*, gorro, sem esporas. Consentir-se-á o uso de esporas como distinção a um ou outro cavalleiro, conforme seus progressos. Mais tarde usa-se o capacete e finalmente o uniforme completo de campanha. O recruta recebe lança quanto antes. Por fim, trabalha com todas as armas e de vez em quando com a sella equipada.

E' preciso prestar especial atenção ao bom ajustamento das peças do uniforme. As peças incommodas desagradam o cavalleiro, calças que não servem ou muito remendadas no forro produzem ferimento.

Os cavallos são ensilhados e embriddados. Como nas primeiras semanas o ensino é sem rédeas, além de que o recruta não é capaz de manter seu cavallo em altitude, convém dar-lh-a por meio da rédea auxiliar de modo que o cavalo ande com certa actividade do dorso.

Assim o recruta recebe desde o começo o sentimento do andar certo do cavallo. As canhas da rédea auxiliar devem ser afiveladas na cilha ou nas alças da sella, de modo que os cavallos assumam apenas uma moderada flexão directa. Para saltar devem-se desprender essas rédeas. Uma vez a instrução bastante adiantada para que o recruta se assente com independência e possa de algum modo actuar sobre o cavallo, dispensa-se a rédea auxiliar.

Também é admissível desde o começo enfrentar o cavallo. Então coloca-se o bocal de couro da respectiva rédea de modo a encurtá-la suficientemente para que se obtenha uma leve flexão directa. A extremidade da rédea do freio prende-se na alça do cepillo. A barbela não deve ficar muito justa. O recruta devendo utilizar-se da rédea, segura sómente a do bridão.

PRIMEIRO ENSINO PARA OBTER ASSENTO

Nos primeiros tempos a questão é somente que o cavalleiro obtenha o equilíbrio e ganhe desembaraço. Auxilia-se a aquisição do equilíbrio tomando contacto pela superfície interna das coxas e na altura do joelho; não se deve permitir que o recruta procure a segurança com a parte inferior das pernas.

O cavalleiro novo precisa adquirir confiança no cavallo; para que isso não seja contrariado por alguma queda deve-se-lhe permitir transitória e segurar-se na crina ou no cepillo.

O assento à vontade melhor se obtém fazendo o recruta assentarse naturalmente, abrir as coxas nos quadris, voltal-as ligeiramente para dentro e deixar pender as pernas e pés.

E' radicalmente erroneo querer desde o começo forçar o recruta ao assento regulamentar. *Primeiro inteiramente à vontade — depois posição militar!*

Em primeiro lugar tratar-se-á de obter a base do assento, avançando, largo.

Em seguida regula-se a posição da coxa, joelho baixo, e a da perna bem como a altitude do tronco. Erguem-se ligeiramente as pontas dos pés.

A principio os recrutas trabalham à vontade. Só se começa o trabalho em sentido depois de estarem bem à vontade; mesmo então ainda será preciso trabalhar muitas vezes à vontade.

A escola forma em linha aberta. A rédea do bridão leva um nó acima do pescoço. Cada recruta trata de montar quanto possível sem auxilio estranho e sem pegar na rédea. A maneira regulamentar de montar a cavallo só é ensinada quando o recruta tiver aprendido no cavallo de páu, a saltar em apoio nos braços e cobrir a sella.

Em seguida a escola põe-se ao passo, se necessário primeiramente levando na testa um cavalleiro prompto, na pista inteira a um passo de distancia. Depois manda-se trote moderado. Ensina-se aos recrutas que olhem para a nuca do cavalleiro precedente e que em todas as conversões se inclinem ligeiramente para dentro.

No começo as trotadas devem ser muito curtas, para que esse exercicio deshabitual não fatigue os recrutas e elles não se firam. Mandar-se-á frequentemente parar, afim de que elles se ageticem na sella. Para isso o cavalleiro leva a mão interna ao cepillo, a externa à patilha, afasta uma coxa depois a outra para fóra e para traz e leva o assento bem à frente. Mais tarde faz-se isso sem auxilio das mãos.

Tão prompto seja possível, começa-se a fazer galopar, pois nesta andadura é mais facil aprender a conservação do equilíbrio e avançar o assento. Desenvolve-se o galope no começo em um grande circulo e a partir do passo, porque ao passo o recruta assenta-se mais seguro e já pode actuar de algum modo no cavallo.

Como ajuda para partir ao galope basta deslocar o peso para o osso interno do assento e bater com a perna interna, tendo a externa recaída. O erro principal no galope é o soccar com o assento. A causa disso reside em falsa tensão muscular, endurecimento das juntas e enganchar pelos joelhos e pernas. Por isso o instructor deve fazer questão que o cavalleiro adhira com desembargo ao movimento do cavallo. Ensinar-se-á ao cavalleiro como o galope à direita e à esquerda lhe dá sensação diferente no assento.

Frequentemente apea-se e monta-se durante a aula. Deve-se desde o começo associar à equitação exercícios livres segundo o regulamento de gymnastica para as tropas montadas, os quais há de ser praticados durante todo o periodo da instrução dos recrutas.

Esses exercícios e os de lança também devem ser feitos fóra das aulas de equitação, em cavallo de páu, ou escanhado sobre pipas (ou barricas); especialmente as paradas de lança desenvolvem os quadris, o que dá flexibilidade ao assento.

* * Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

O Fusil Mauser M. 1908

Nomenclatura do fusil — Projecto de instruções para o seu uso

CAPITULO III

(Conclusão)

Annexo I — Nota

Constituem o annexo n.º 1 as tabellas de tiro e de precisão, com diagrammas correspondentes, do fusil e da carabina Mauser e da metralhadora Maxim, pertencentes ao modelo 1908.

Ellas foram organizadas pelo Sr. A. Gleinch, director do polígono de Königswusterhausen, propriedade das Deutsche Waffen und Munitionsfabriken, de Berlim, e correspondem a uma densidade do ar de 1,206 kg. e a uma temperatura de 25° c.

Eis os elementos que lhes serviriam de base:

1 — Fusil mod. 1908, calibre 7 mm/m.

Bala pontuda de 9 grs. n.º 253 E.

Polvora Rottweil 1303 a/1319 NNP.

Carga 3,15 gr.

Dados balísticos:

Velocidade restante a 25 m. ou $V_{25} = 874 \text{ m/s}$.

Velocidade na boca da arma ou $V_0 = 890 \text{ m/s}$.

Pressão 3200/3300 atms. $\times \text{cm}^2$.

2 — Carabina mod. 1908, calibre 7 mm/m.

Bala pontuda de 9 grs. n.º 253 E.

Polvora Rottweil 1303 a/1319 NNP.

Carga 3,15 grs.

Dados balísticos:

Velocidade restante a 25 m. ou $V_{25} = 839 \text{ m/s}$.

Velocidade na boca da arma ou $V_0 = 855 \text{ m/s}$.

Pressão 3200/3300 atms. $\times \text{cm}^2$.

3 — Metralhadora Maxim mod. 1908 calibre 7 mm/m.

Dados idênticos aos do fusil.

Os diagrammas das dispersões foram igualmente feitos pelo Sr. Gleinch, e os das zonas batidas por nós organizados.

Damos por último as fórmulas de correção da velocidade com as variações da temperatura:

$$1) V_T = V_{25} [1 + 0,0011 (T - t)]$$

$$2) V = V_T [1 + 0,0011 (15 - T)].$$

Ellas são devidas ao Sr. v. Burgsdorff, engenheiro da Rottweiler Pulversfabrik e applicam-se às polvoras de fusil, de base simples, fabricadas no mesmo estabelecimento.

A primeira serve para passar da velocidade V_{25} obtida a uma temperatura t , a partir de $t = 15^\circ \text{C}$. para uma velocidade V_{25} correspondente a uma temperatura mais elevada T .

A segunda permite reduzir a 15°C . a velocidade V_{25} obtida à temperatura T .

Segundo a fórmula (I), a cada grão de elevação corresponde um acréscimo de pouco mais de um metro na velocidade.

Quanto à pressão, as tabellas que acompanham os cilindros de prova fornecidos ao Brasil pela Zentralstelle für wissenschaftlich-technische Untersuchungen, de Neubabelsberg (Berlim), indicam a correção a levar em conta na altura de esmagamento.

Tabella de tiro do Fusil

Distância	Angulo de projeção			Velocidade restante	Força viva	Duração do trajecto	Coordenadas do vértice		Angulo de queda		
	m.	°	'				Abcissa	Ordenada			
	0	1	"	m.	km/g.	sec.	m.	m.	0	1	"
0	890	363									
100	835	320	0,11							2	15
200	787	280	0,23							4	50
300	728	243	0,36							7	45
400	677	210	0,50							11	15
500	628	181	0,66							16	
600	581	155	0,83							22	5
700	535	132	1,02							29	50
800	490	110	1,33							39	35
900	445	91	1,47							52	
1000	403	75	1,73							7	45
1100	368	62	2,02							1	27
1200	340	53	2,33							1	48
1300	317	46	2,67							1	14
1400	300	41	3,03							2	42
1500	284	37	3,40							3	14
1600	270	33	3,79							3	50
1700	258	31	4,20							4	28
1800	246	28	4,64							5	11
1900	234	25	5,11							6	30
2000	223	23	5,60							6	55
										20	

Observação — 1) Os dados da presente tabella referem-se a um peso de ar de 1,206 kg. por m. c.; 2) As experiências de tiro para a determinação dos dados balísticos foram executadas até a distância de 2000 m.; 3) O alcance máximo é de cerca de 3750 m. com um ângulo de projeção igual a 27-28°.

Distância	Zonas batidas para um alvo de:			
	2m,50	1m,70	1,m00	0m,50
m.	m.	m.	m.	m.
0				
100	Total	Total	Total	Total
200	*	*	*	*
300	*	*	*	*
400	*	*	*	*
500	*	*	*	*
600	*	*	*	*
700	*	*	145	64
800	195	99	47	
900	215	132	72	35
1000	148	96	54	27
1100	109	71	41	20
1200	85	50	32	16
1300	67	45	26	13
1400	54	37	21	10
1500	45	31	18	8
1600	38	26	15	7
1700	32	22	13	7
1800	28	19	11	6
1900	24	17	10	5
2000	21	14	5	4

Observação — Os algarismos acima referem-se a terreno horizontal e a uma altura de empate igual a zero.

Ordenadas das trajectórias

	Aliga
50	100
100	150
150	200
200	250
30	350
450	450
500	550
600	700
800	900
1000	1100
1200	1200
1300	1300
1400	1400
1500	1500
1600	1600
1700	1700
1800	1800
1900	1900
2000	2000
	2100

As ordenadas são contadas acima e abaixo da linha horizontal de visada

Distância m.	Dispersão 100 %			Dispersão 50 %		
	Altura cm.	Largura cm.	Total cm.	Altura cm.	Largura cm.	Total cm.
200	17	15	32	7,2	5,9	13,1
500	34	35	69	14	17	31
900	86	82	168	35	35	70
1200	136	103	239	52	37	89
1500	230	183	413	93	70	168
2000	530	430	960	264	170	434

Penetração

1 — Em placas de aço-nickel da maior resistencia:
Placas de:

6^{mm} de espessura são atravessadas a 50 m. dist.

5,75	>	>	>	>	100	>	>
5,25	>	>	>	>	150	>	>
5,00	>	>	>	>	250	>	>
4,00	>	>	>	>	390	>	>
3,00	>	>	>	>	670	>	>

2 = Em madeira = Pinho secco;

2 - Em madeira - falso seco:				60 a 100 cm.
a	100 m.	m. de dist.	profundidade	100 a 120
>	200	*	>	100 a 120
>	400	*	>	100 a 110
>	600	*	>	75 a 90
>	800	*	>	60 a 70
>	1000	*	>	40 a 50
>	1200	*	>	25 a 30

Nota — Em curtas distâncias, até 200 m. uma parte da bala penetra sómente 60 a 70 cm. e dirige a ponta para o atirador, portanto, virando no seu percurso.

O canal aberto pela bala tem forma e dimensões irregulares, e seu diâmetro maior corresponde aproximadamente ao comprimento da bala.

3 - Em areia secca:

Até 100 m. de distância as balas penetram cerca de 25 cm. quebrando-se por causa da grande velocidade, a 500 m. a profundidade de penetração é, mais ou menos, de 40 a 45 cm.

4 — Em muros de alvenaria de tijolo :

Muros de 1/2 tijolo de espessura são atra-
vessados em distâncias curtas. A 500 m. a pene-
tração é de 10 a 12 cm. A superioridade da bala
pintada torna-se evidente, principalmente pelo
grande numero de e-tilhaços que produz, quando
empregada contra muros.

Tabella de precisão do f sil

Distância m.	Dispersão 100 %			Dispersão 50 %		
	Altura cm.	Largura cm.	Total cm.	Altura cm.	Largura cm.	Compr.
100	10	10	20	44	44	60
200	20	20	40	77	77	52
300	30	30	60	10	11	46
400	41	40	81	14	15	42
500	53	50	103	15	19	38
600	66	60	126	23	23	35
700	80	70	150	28	26	32
800	96	81	177	35	30	30
900	113	92	205	42	34	28
1000	132	104	236	50	38	26
1100	153	116	269	60	41	24
1200	175	128	303	71	45	23

Observação — Os dados da presente tabella representam a media de 5 series de 20 tiros por distancia e acham-se graphicamente traduzidos nos diagrammas juntos.

Tabella de tiro da carabina

Distancia m.	Angulo de projecção °	Velocidade restante m. kmg.	Força viva sec.	Duracão do trajecto m.	Coordenadas do vertice		Angulo de queda °
					Abscissa	Ordenada	
0	.	855	335
100	0 2 20	800	294	0,12	.	.	0 2 30
200	0 4 50	746	255	0,25	101	0,07 0	5 15
300	0 7 35	693	220	0,38	152	0,17 0	8 35
400	0 10 45	642	189	0,53	203	0,33 0	12 40
500	0 14 25	594	102	0,69	254	0,59 0	17 45
600	0 18 40	550	139	0,87	306	0,96 0	24 10
700	0 23 35	506	118	1,07	360	1,46 0	32 20
800	0 29 15	464	99	1,30	419	2,17 0	42 40
900	0 35 45	425	83	1,53	482	3,14 0	55 30
1000	0 43 10	389	69	1,79	546	4,30 1	11 15
1100	0 51 40	356	58	2,09	611	5,83 1	30 20
1200	1 1 30	328	49	2,40	679	7,77 1	53 10
1300	1 12 50	307	43	2,75	748	10,18 2	2 10
1400	1 25 45	293	39	3,11	819	13,12 2	51 40

Distancia m.	Zonas batidas para um alvo de:			
	2 ^m ,50	1 ^m ,70	1 ^m ,00	0 ^m ,50
0
100	Total	Total	Total	Total
200	»	»	»	»
300	»	»	»	»
400	»	»	»	»
500	»	»	»	132
600	»	»	»	82
700	»	»	129	57
800	»	175	90	44
900	200	121	67	33
1000	140	87	51	25
1100	104	64	38	19
1200	82	50	30	15
1300	65	42	25	12
1400	53	35	20	10

Nota — Os dados para as zonas batidas se referem a um terreno horizontal e altura de impactos igual a zero.

Alçada m.	Ordenadas das trajectorias									
	Distancia (metros)									
50	0	100	200	300	400	500	550	590	600	609
100	1,04	2,05	3,01	3,97	4,85	5,69	6,49	7,22	7,89	8,50
150	1,23	2,43	3,59	4,72	5,79	6,82	7,80	8,73	9,58	10,38
200	0,95	0,97	0,95	0	-0,10	-0,25	-0,37	-0,54	-0,74	-0,94
300	0,99	0,99	0,95	0,17	0,16	0,10	0	-0,24	-0,31	-0,46
400	0,14	0,25	0,31	0,33	0,31	0,27	0,17	0	0,25	0,36
500	0,19	0,35	0,48	0,56	0,59	0,89	0,54	0,43	0,33	0,24
600	0,25	0,48	0,66	0,81	0,90	0,96	0,91	0,80	0,62	0,47
700	0,33	0,62	0,88	1,19	1,27	1,39	1,46	1,44	1,33	1,14
800	0,41	0,78	1,12	1,42	1,68	1,89	2,05	2,15	2,05	1,85
900	0,51	0,98	1,41	1,82	2,16	2,47	2,73	2,93	3,13	3,12
1000	0,61	1,19	1,73	2,24	2,69	3,11	3,47	3,77	4,01	4,19
1100	0,73	1,43	2,10	2,73	3,30	3,74	4,33	4,76	5,11	5,40
1200	0,88	1,72	2,53	3,31	4,02	4,70	5,34	5,90	6,40	6,85
1300	1,04	2,05	3,01	3,97	4,85	5,69	6,49	7,22	7,89	8,50
1400	1,23	2,43	3,59	4,72	5,79	6,82	7,80	8,73	9,58	10,38

As ordenadas são contadas acima e abaixo da linha horizontal de visada

Penetração

1 — Em placas de aço-nickel da maior resistencia: de 5 mm. de espes. são atravessadas a 195 m.
 » 4 » » » » » 330 »
 » 3 » » » » » 600 »

2 — Em madeira — Pinho seco :

distancia	100 m. profundidade	60 a 90 cm.
» 200 »	» 90 » 110 »	
» 400 »	» 90 » 100 »	
» 600 »	» 70 » 85 »	
» 800 »	» 55 » 65 »	
» 1000 »	» 40 » 50 »	
» 1200 »	» 25 » 30 »	

Nota — Em curtas distancias até 200 m., uma parte da bala penetra somente 60 a 70 cm. e dirige a ponta para o atirador, portanto, virando no percurso.

O canal aberto pela bala, tem forma e dimensões irregulares, e seu maior diametro corresponde approximadamente ao seu comprimento.

3 — Em areia secca :

A distancia até 100 m., as balas penetram cerca de 25 cm. quebrando-se por causa da grande velocidade; a uma distancia igual a 500 m. a profundidade de penetração é approximadamente de 40 cm.

4 — Em muros de alvenaria de tijolo :

Muros de espessura de meio tijolo são atravessados a curta distancia.

A distancia de 500 m., a profundidade de penetração é de mais ou menos 10 a 12 cm.

Metralhadora "Maxim" — Mod. 1908**TABELLA DE PRECISÃO**

Fogo lento

Distancia m.	DISPERSÃO					
	100 %			50 %		
	Altura cm.	Largura cm.	Total cm.	Altura cm.	Largura cm.	Compr. cm.
100	12	12	24	4,4	4	60
200	24	23	47	8	8	58
300	36	33	69	13	12	56
400	49	43	92	18	16	54
500	63	53	116	24	20	51
600	78	64	142	31	24	78
700	96	76	172	38	28	44
800	117	88	205	47	32	40
900	142	100	242	57	36	37
1000	171	112	283	68	40	34
1100	210	124	334	80	44	32
1200	258	137	395	94	48	30

Nota — O diagramma annexo a esta foi de acordo com a mesma organizado.

Vide observação da „Tabella de precisão do fuzil.”

Metralhadora "Maxim" — Mod. 1908**TABELLA DE PRECISÃO**

Fogo rapido

Distancia m.	DISPERSÃO					
	100 %			50 %		
	Altura cm.	Largura cm.	Total cm.	Altura cm.	Largura cm.	Compr. cm.
100	15	17	32	7	84	
200	31	37	65	11	14	79
300	48	50	98	17	20	74
400	66	66	132	23	26	69
500	85	83	168	30	33	64
600	105	100	205	37	40	58
700	126	117	243	45	46	52
800	149	135	284	54	52	47
900	173	153	326	64	58	42
1000	200	171	371	75	64	38
1100	229	189	418	87	70	35
1200	262	207	469	100	77	32

Nota — O diagramma annexo a esta tabella foi organizado de acordo com a mesma.

Vide observação da „Tabella de previsão do fuzil.”

Nota — O diagramma annexo foi organizado de acordo com a presente tabella.

Vide a observação da „Tabella de precisão do fuzil”.

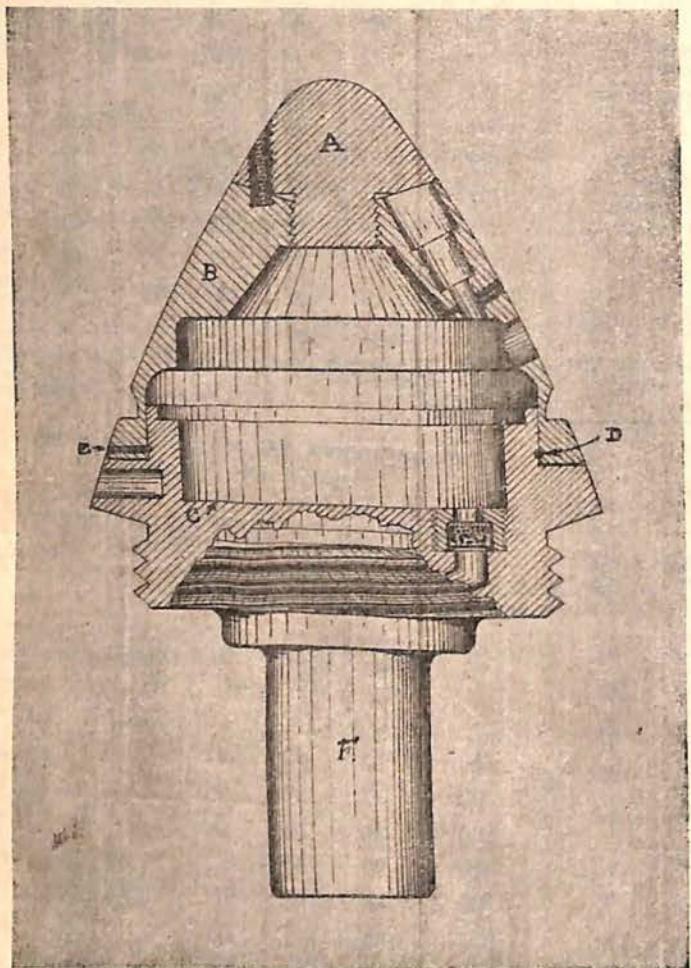
Capitão Luiz M. P. de Andrade.

Espoletas mecanicas de duplo funcionamento

Tempo e Percussão

I. *Espoleta de tempo, de misto* — As espoletas de percussão attingiram notável simplicidade e extraordinária segurança, a ponto de não se manifestar premente necessidade de novos aperfeiçoamentos.

O mesmo não aconteceu com as espoletas de tempo e de duplo efeito.



Estes engenhosos artifícios de fogo não acompanharam os progressos espantosos do material de artilharia e dos explosivos. O contraste faz ressaltar os defeitos da espoleta de tempo. Na guerra moderna, o emprego do shrapnel em todos os calibres e a todas as distâncias exige o aperfeiçoamento da espoleta de tempo, afim de que seu perfeito funcionamento torne

efficaz aquele projectil que, como se sabe, é destinado principalmente ao pessoal.

Quanto maiores as distâncias em que se empregam os shrapneis, maiores as irregularidades observadas no tiro, todas oriundas do misto das espoletas.

Até hoje não se conseguiu a queima regular dos mistos; na fabricação admitem-se tolerâncias, que na prática se duplicam, dando lugar a diferenças notáveis nas explosões. Sendo muito grande a distância de tiro, a quantidade de misto

a queimar será também muito grande, portanto, maiores irregularidades apresentarão a combustão. É bem verdade que a velocidade restante será menor, mas tendo as grandes irregularidades na combustão de misto, concluir-se-á o grande afastamento dos pontos de explosão dos projectis.

A irregularidade de misto das espoletas de tempo provém da própria fabricação, porém, a de sua armazenagem prolongada torna-o ainda mais irregular, podendo mesmo tornar ineficaz a espoleta.

O misto, absorvendo a humidade do ar, exerce ação química sobre o metal das espoletas, ação química de ordem tal que altera sua composição. (*)

A pressão atmosférica actua sobre o projectil e como esta varia nas diversas camadas que forçosamente tem de romper, as condições em que queima o misto variam a cada instante, acarretando a irregularidade da combustão.

Os defeitos acima apontados

(*) Curioso specimen da influencia nefasta da humidade no misto, e consequente ação química no metal das espoletas, ação química de ordem tão importante que chegou a alterar intimamente a composição do mesmo, tivemos occasião de observar na Fabrica de Cartuchos uma espoleta de 25 segundos. Formou-se uma substancia branca que, mandada ao laboratorio deste estabelecimento para o exame conveniente, o químico reconheceu — óxido de alumínio. Outros exemplares, ao contrario, apresentavam empedernidos, quer os rastilhos, quer os petardos. É desnecessário dizer que submettidas ao exame pendular nem uma só funcionou. Com as espoletas de latão não eram conhecidos tais fenômenos.

nas espoletas de tempo, de misto, levaram os technicos a pensar em suprimil-o e substituir-o.

Com este objectivo surgiram duas soluções: a das espoletas *hydraulicas de tempo* e das espoletas *mecanicas de tempo*.

II. Espoletas hydraulicas de tempo — Chamo de espoletas *hydraulicas de tempo* toda a espoleta que emprega *liquido* como regulador do tempo de explosão.

a) O major da artilharia belga Maubeuge inventou dois typos de espoletas *hydraulicas de tempo*, um para canhões de campanha, outro para canhões de grande calibre;

b) Tambem é interessante a espoleta *hydraulica de tempo* do tenente belga de Roy, baseada em principio completamente novo.

Serve para regular o momento de explosão do projectil certa quantidade de liquido (glycerina) contido no corpo da espoleta e que sae enquanto o projectil percorre a trajectoria. Esta saída é consequencia, quer da força centrifuga produzida pelo movimento de rotação do projectil, quer da inercia do liquido.

Só se produz a explosão do projectil quando todo o liquido tem saído.

Não me parece seja a solução prática conveniente ao problema.

III. Espoletas mecanicas de tempo — Infelizmente as espoletas mecanicas não deram resultados satisfatórios até ha bem pouco tempo, tendo seus inventores soffrido sérias decepções, devido á errada orientação que tomaram. No dia em que se resolver definitivamente a questão, mais avultará a importancia do tiro de schrapnel.

Não é moderna a idéa da espoleta mecanica; em 1860 o tenente bavaro Freymel projectou uma que não deu bons resultados.

Varios são os typos de espoletas desta natureza, uns aproveitando a resistencia do proprio ar durante o trajecto do projectil, outros servindo-se do proprio movimento de rotação do projectil para o funcionamento.

Ultimamente, porém, parece-me que enveredaram pelo caminho do successo.

Desejando a maxima regularidade, lembraram-se do relojo e adaptaram no interior da espoleta um mecanismo de relojoaria muito reforçado.

Resolvendo o problema da espoleta mecanica de tempo, estava encontrada a

solução para a espoleta mecanica de duplo funcionamento. Estas não são mais que espoletas de duplo efecto, sem o misto, e funcionando por meio de um mecanismo especial.

A idéa de elaborar o presente trabalho foi-me sugerida porque li algures noticia do emprego da espoleta mecanica de tempo, pelos allemaes.

Já na guerra russo-japoneza o addido militar argentino chamava, em relatorio ao seu governo, a attenção para o optimo resultado conseguido com as espoletas mecanicas, empregadas pelos japonezes.

IV. Na medição ordinaria do tempo para os usos diarios da vida, passou a humanidade por phases identicas ás que percorreram os technicos na regulação do tempo para a explosão do projectil, num ponto determinado da trajectoria.

Noto apenas, *per summa capita*, a ex-tranha coincidencia que se me depara na identica evolução dos meios de avaliação commun do tempo para os usos ordinarios da vida, e a medição procurada pelos technicos nas espoletas de tempo.

Como sabem, povos antigos, Gregos e Romanos, usaram para a avaliação do tempo, aquelles, a *clepsydra* (relogio de agua), estes, a *ampulheta*, (relogio de areia). Só mais tarde conheceu a humanidade o relojio (meio mecanico).

As espoletas de tempo tambem soffreram evolução das de misto para as *hydraulicas* e destas para as mecanicas.

O schema seguinte deixa bem clara a idéa :

Avaliação ordinaria do tempo	ampulheta (solido). clepsydra (liquido). relojio (meio mecanico).
--	---

Avaliação do tempo para a explosão do projectil num ponto determinado da trajectoria.	espoleta de misto (solido) espoleta hydraulic (qualquer liquido)
---	---

	espoleta <i>s/appº de relojoaria mecanica.</i> <i>c/appº de relojoaria</i>
--	---

O typo que descrevo veio, para experienca, da Allemanha.

Devido ao descaso proverbial das nossas coisas militares nunca foram experimentadas as referidas espoletas. Tenho para mim que devem dar excellentes resultados, conclusão do estudo minucioso que fiz do exemplar cuja descripção e funcionamento ora perpétro.

Descrição

E' uma espoleta mecanica de duplo efecto, toda de alumínio, com excepção do mecanismo de relojoaria que vem no interior; este é de latão.



Fig. 1 — Dispositivo da parte tronco-conica e entalhe do mesmo.

Acha-se graduada em unidades de tempo — 25 segundos. Compõe-se de tres partes: capitel (A), de forma especial com pé roscado; parte tronco-conica (B), trazendo em cima um orificio roscado em que se atarracha o pé roscado do capitel e em baixo, na parte externa, a graduação propria para a regulação da espoleta; e, corpo da espoleta e sua mesa (C), onde fica situado o mecanismo de relojoaria. No corpo ainda se nota a parte inferior roscada — pé, que serve de camara de polvora fina, ficando em communicação com a meza circular do corpo da espoleta, graças a um canal fechado por um cylindro de polvora comprimida.

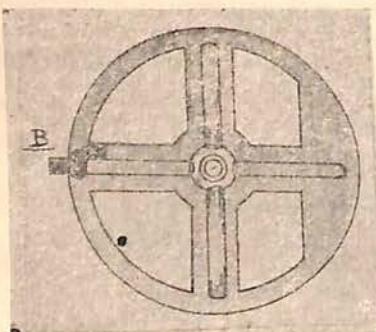


Fig. 2 — Disco giratorio

Na parte superior deste canal ha uma abertura cylindrica roscada onde se atarracha o parafuso porta-capsula de fulminato. E, finalmente, ligado ao pé existe um cylindro ôco (F) em que está collocado o dispositivo percutente. A parte (B) prende-se á parte (C) por intermedio do arame de cobre (D), que entrando pelo orificio (E) fica alojado interiormente num canalete, metade na parte (B), metade na parte (C).

Funcionamento

Pela accão do tiro, o dispositivo (A), situado na parte tronco-conica, desloca-se do seu ponto de apoio constituido por

uma mola adaptada no interior do mesmo dispositivo.

Em consequencia desse deslocamento, fica o dente (B) do disco giratorio do mecanismo em coincidencia com o entalhe (C) do dispositivo (A), de modo que o disco fica em completa liberdade para o funcionamento, o qual se inicia em vista do

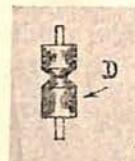
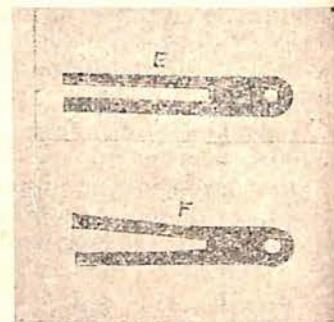


Fig. 3 — Coluna de segurança



Figs. 4 e 5 — Garfo de segurança e deformação do garfo

deslocamento que tambem se operou na columná de segurança (D), que se acha apoiada por um sulco no garfo de segurança (E), que tambem sofreu uma deformação (F) por identico motivo, deixando em liberdade o movimento de relojoaria.

Uma vez operando-se esses movimentos ou transformações de posição, pela accão do tiro, o disco giratorio, que foi previamente regulado quanto ao tempo de arrebentamento, por intermedio da parte tronco-conica da espoleta, onde se acha a

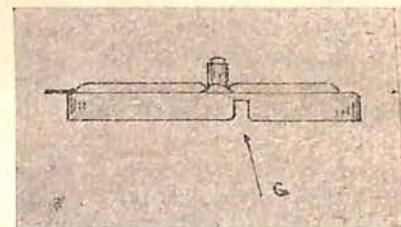


Fig. 6 — Abertura do disco

respectiva graduação, movimenta-se, e percorre o necessario para que a abertura (G), situada em sua superficie curva, se encontre em coincidencia com a extremidade (H) da alavanca de disparo, a qual introduzindo-se por essa mesma abertura determina que o percussor (P), que se acha apoiado no batente (J) da columná (K)

pela saliencia (Q) do mesmo percussor, se escape do seu apoio (J) e vá ferir a capsula (M), adaptada á mesa do corpo da espoleta.

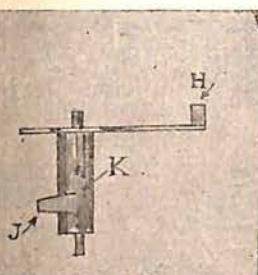


Fig. 7 — Alavanca de disparo

A fig. 9, que representa em conjunto os principaes orgãos que determinam o funcionamento da espoleta, melhor elucidará o que acima descrevo.

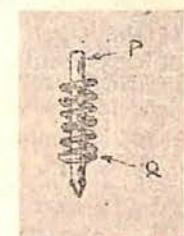


Fig. 8—Percussor e sua mola

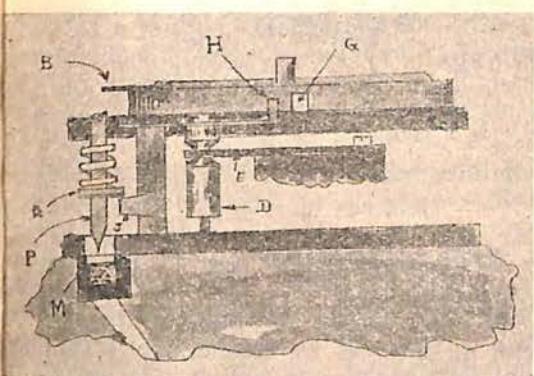


Fig 9 — Vista do conjunto

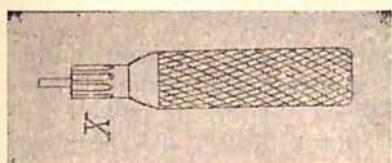


Fig 10 — Chave para dar corda

As espoletas vem com a corda que lhes é dada com a chave (fig. 10) na propria fabrica; como curiosidade apresento a chave que serve para dar corda.

1º Tenente de Artilharia *Pericles Ferraz*

JOGO DA GUERRA

Resolução de uma situação particular. Fogos rasantes. Uma questão que mostra o carácter minucioso do jogo.

II

Imaginemos agora uma situação um pouco diferente da do problema anterior, isto é, supponhamos que o partido azul ocupa, em vez de um planalto, a crista militar de uma pequena elevação, tendo ainda, na rectaguarda, na encosta, numerosas forças de reserva.

Admittamos que o partido vermelho tenha sido informado de que na referida encosta se acham, ao norte da chacara N, nos coqueiros, numerosas forças reunidas, e que seu commandante resolve aproveitar-se desta situação particular e d'ahi tirar o maior partido possivel. (*)

Nestas condições, basta que uma pequena fracção atacante seja mantida em actividade contra as forças que ocupam a crista militar da elevação S, ficando o restante, isto é, a quasi totalidade das forças vermelhas, para pronunciar o ataque por um fogo vivo e extremamente violento sobre as forças que o azul tem de reserva agglomeradas na encosta. Este fogo assim mantido e sendo aberto ao mesmo tempo por todos os fuzis disponíveis, sem uma indicação precisa do objectivo que se quer bater e por um tempo sufficientemente dilatado, mas previamente calculado, e tendo em conta a perturbação que causa a um inimigo desmoralizado pela surpresa, é tanto mais efficaz quanto mais disciplinado, mais consciente no emprego de seus fuzis, mais moralmente fortalecido é o atacante que tem a fortuna de operar em occasões identicas com semelhante iniciativa.

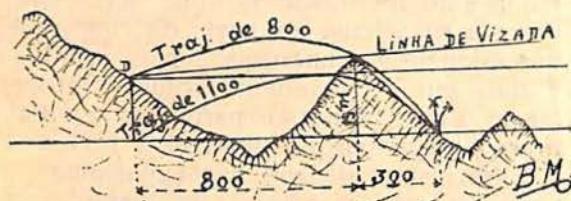
Mas, vejamos, para aproveitar todas essas particularidades, a que serie de considerações theoricas seria levado o commandante vermelho, dada a hypothese de o mesmo não conhecer a regra pratica applicavel em casos taes.

Para rasar a encosta S N é preciso que os ramos descendentes das trajectórias tenham uma inclinação igual á que o terreno offerece. Esta igualdade de inclinação não sendo absolutamente observada e muito menos a igualdade e uniformidade

(*) Ver o croquis junto.

de inclinação em toda a extensão da encosta, permite, entretanto, por comparação com os angulos de queda dos projectis, recorrer a uma inclinação tal que se approxime o mais possível daquella fornecida pelo terreno.

Ora, vê-se pela carta, na direcção da chacara, que o declive é de 1/20. O problema se resume, pois, à procura de uma trajectoria cuja forma se possa adaptar ao terreno, e, uma vez encontrada, em saber em que ponto e a que distancia se deve o atacante collocar de N para exercer sobre este ponto a sua accão pelos fusis.



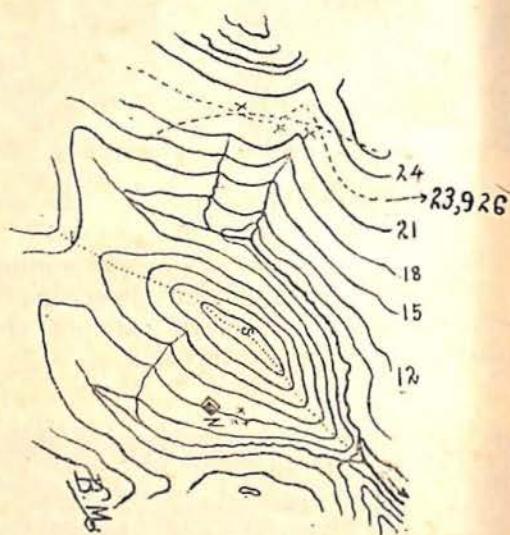
A inclinação de 1/20 é approximadamente de 3°. Por outro lado, o exame da tabella de tiro fornece para um angulo de queda 3° 7' 8" uma trajectoria de 1100. A 1100 de N é que estão todos os pontos nos quaes se pôde dispôr a bateria de fusis para que o fogo sobre N seja o mais efficaz.

Entretanto o problema não fica ainda resolvido. O exame do perfil junto permite constatar que o tiro feito abaixo da curva de nível que passa em D encontra a elevação S antes de atingir o ponto N; e a rasancia só tem logar quando o atirador está sobre uma cota igual á em que está o adversario acrescida do valor da flecha. Por outro lado, o alvo não é visto directamente, e isto obriga a que se recorra á crista S como alvo auxiliar. O tiro feito nestas condições, com visada sobre S e alça correspondente, resolve então o problema. E, desse modo, a crista S ainda se vê na situação de receber tambem esses fogos que lhe não foram na repartição directamente atribuidos.

As trajectorias com visadas sobre S são, em ultima analyse, elementos approximados das trajectorias correspondentes á distancia de 1100 metros, porque em atirar sobre S nada mais se faz do que reconhecer e insensivelmente applicar o principio da rigidez das trajectorias e obrigar os projectis lançados com uma alça a per-

correr as trajectorias que descreveriam os de outra, isto é, obriga-se no caso presente o projectil lançado com alça de 800 a percorrer uma trajectoria correspondente á distancia de 1100.

Passado em revista todo esse apparo theorico, é possível avaliar agora quanto se pouparia o commandante vermelho se o mesmo estivesse em condições de ope-



rar praticamente do modo que se segue
1º — Declive de

$$S\ N = \frac{27-12}{300} = \frac{1}{20} = 3^\circ (*)$$

2º — A tabella dá para o angulo de queda de 3° 7' 8" o alcance de 1100.

3º — A flecha da trajectoria de 1100 de 11,926.

4º — O objectivo está na cota 12.

5º — O ponto S está a 300 de N.

Estes elementos bastam para precisar a posição dos fusis. A altura é na cota 12 + 11,926 = 23,926.

Com centro em S e raio igual a 800 descreve-se um circulo que por suas intersecções com a cota (curva) 23,926 precisa os pontos X em que se deve collar o atacante. Os fusis são apontados para S e com alça correspondente á distância desse ponto.

Em geral não se toma uma cota fracionaria como é a de 23.926, porém mais proxima que a carta fornece, un vez que não seja a mesma, relativamente muito distanciada.

(*) A cota approximada de S é 27.

**

Têm ahí os leitores o ultimo dos dois problemas promettidos. Agora, é bom que se não veja na extensão das diferentes partidas uma serie continua de accidentes como estes revelados nos dois problemas. Em geral as partidas não chegam a tal extremo. O objectivo aqui foi mais mostrar como pôdem ser infinitamente dilatados os horizontes do jogo. Demais, a pacencia dos jogadores nunca se molda ao caprichoso quilate de semelhantes particularidades.

Barbosa Monteiro.

Topographia Militar

Extrahido do "Livro de recapitulação para o uso da tropa", do Capitão Cebrian, professor na Escola de Guerra de Danzig. 1914.

A. Reconhecimento e julgamento do terreno GENERALIDADES

22. Todo reconhecimento presupõe uma missão precisa; afóra o recolhimento de informações geraes sobre as condições do terreno, pôde tratar-se de examinar os dados de uma carta, completal-os, corrigil-os em determinado sentido ou julgar as particularidades topographicas de um territorio para operações ou de um pequeno trecho de terreno attendendo a situações especiaes.

Sendo o fim de todo o reconhecimento obter bases para as decisões e medidas do pequeno e do alto commando, é preciso que, para se realizar trabalho util, tanto o executante como o chefe que o ordena sejam senhores dos fundamentos do conveniente aproveitamento militar do terreno.

23. Isso exige conhecimento do paiz ou do territorio que viér ao caso, o qual pôde ser desenvolvido por impressões pesssoaes e observações em viagens. Por exemplo, a região das manobras deve ser pessoalmente reconhecida. As viagens de estado-maior, os exercícios tacticos de quadros no terreno, especialmente na região fronteiriça e de concentração, viagens ao estrangeiro, ao provavel futuro theatro de guerra, servem para alargar o horizonte militar.

Um outro fundamento constitue a capacidade de ajuizar acertadamente das vantagens e desvantagens topographicas de

uma região. As informações estatisticas e geographico-militares publicadas pelas repartições officiaes e pela imprensa nacional e estrangeira, ou em obras scientificas, tambem podem ser muito uteis.

24. Como as cartas têm inevitaveis defeitos na representação do terreno, como aleim disso em certos paizes as publicações officiaes de utilidade militar não estão ao alcance de qualquer um, sobretudo do estrangeiro, é preciso desde a paz iniciar reconhecimentos, de cujos resultados dependerão os reconhecimentos na guerra. Naturalmente, comprehende-se, nos reconhecimentos para ampliar o que se conhece de paizes estrangeiros quanto á sua cultura e natureza topographica, empregam-se officiaes especialmente aptos, que não só conheçam bem a respectiva lingua, mas tambem pelo seu cultivo e caracter deem garantia de se obterem observações fide-dignas.

25. Presuppõe-se no executante dum reconhecimento: apprehensão clara da extensão e importancia da missão; presteza e consciencia, que evite conclusões arbitrarrias, decisão sem contemplações.

A consideração de que no proximo momento uma bala inimiga pôde attingir o executante ou interromper o reconhecimento deve instigar a dar ao mais importante, á essencia da missão, o primeiro lugar nas considerações e na participação escripta a fazer quanto antes. A excessiva minuciosidade retarda a accão e põe em duvida o almejado exito.

26. A preparação de um reconhecimento depende primeiramente da especie de locomoção da patrulha (a pé, a cavallo, a bicycleta, motocycle, automovel, balão, aeroplano, dirigivel, etc.); ella exige:

1. *Apresentar-se a tempo para receber a missão.* Elucidar qualquer duvida. Comparar a carta com a do expedidor, completal-as, ás vezes escrevendo as correccões, desenhando esboços complementares.

2. *Assimilação da missão.* Sua essencia. O que é para desejar, o que é imprescindivel? Portanto, que caminho, para onde? Desfiladeiros, lugares mal seguros, medidas preventivas ?!

3. *Ordem á patrulha sobre hora de partida.* Responsabilisar o sub-commandante, forragear a tempo, fazer beber! Como fazer a alimentação durante o serviço? Munição de algibeira; é preciso levar objectos especiaes de equipamento? Cordas,

explosivos, phosphoros, lampada electrica portatil, etc,

4. *Comunicação da missão á patrulha.* Preparar um esboço itinerario simples para o pessoal, mesmo tendo em vista o regresso. Instrucção sobre o eventual aprisionamento.

5. *Aproveitar o tempo antes da partida,* ou para ampliação de trechos da carta, ou para desenhar croquis de pontos importantes. Fortalecimento dos homens, sonmo, assegurar o despertar, etc.

6. *Hora da partida, escolha do caminho.* Depende da consideração do inimigo e da influencia do tempo, da estação e da hora.

a) Chuva, neve, geada, cerração, secca prolongada, poeira, calor, prejudicam a praticabilidade dos caminhos, especialmente a passagem de grandes cursos d'água.

b) Cerração, neve, chuva, escuridão ás vezes annullam inteiramente a visibilidade. Considerações a fazer na escolha de pontos de observação, emprego de aeronaves; a illuminação do terreno depende da situação do sol (de frente, de lado, pela retaguarda).

27. O grão de utilidade das cartas é variável. Por isso quem executa um reconhecimento deve esforçar-se por ampliar *in loco* o conhecimento do terreno em questão.

Além da interrogação aos habitantes, pode-se muitas vezes aproveitar plantas encontradas nas estações de estradas de ferro, cartas itinerarias e de trafego (correio, telegrapho!) mappas rurales nas escolas, plantas cadastraes, etc.

28. Outra fonte de informações topographicas tém-se nas declarações de prisioneiros, doentes abandonados pelo inimigo, papeis e cartas encontradas com officiaes mortos ou aprisionados. Sobretudo deve-se examinar se taes cartas contém representação de tropas, linhas de marcha, zonas de estacionamento, e instrua-se nesse sentido o pessoal de patrulhas.

29. *Como utilizar a carta em caminho?* Nada mais errado do que no caminho, a pé, a bycicleta ou a cavallo, estar constantemente mergulhado na carta. Involuntariamente assim se desvia do inimigo e do terreno a imprescindivel attenção, e ainda se retarda o movimento. Em geral, a escala é tal que não deixa ver nessas condições os detalhes; demais a leitura é difficultada pelo vento, a illuminação, a

carta amarrota-se, estragam-se as bordas, em pouco tempo a carta fica illegivel. Durante a instrucção é preciso por todos os meios cohibir esse vicio. No serviço da paz facilmente se fica mal acostumado no uso da carta. Não se receie prohibir ás vezes o emprego da carta para exercícios mais distantes, ou admittir sómente uma inspecção na carla do director do exercicio, ou a extracção de um simples esboço com poucos traços.

Na realidade essa será quasi sempre a situação de um commandante de pelotão expedido pela sua companhia a requisitar viveres, a installar um pequeno posto, etc., ou de uma patrulha de inferior, de um estafeta de cavallaria que tem que seguir um determinado itinerario, de patrulhas de official de artilharia, do official esclarecedor de marcha por uma secção de aerostateiros, etc.

30. Estude-se a carta e grave-se na memoria um trecho consideravel, meça-se a distancia e avalie-se o tempo, contem-se os caminhos transversaes importantes. No proximo objectivo intermediario diminua-se a andadura ou faça-se alto até ultimar a orientação completa para o novo trecho. Assim torna-se dispensavel a carta em caminho, tem-se melhor dominio sobre o cavallo, a bicycleta, o pessoal, etc., e o olhar torna-se mais livre.

Os marcos kilometricos, os postes indicativos das estradas, as linhas telegraphic, estradas paralellas, linhas ferreas, aguas, permitem constante verificação da exactidão do caminho seguido, da mesma forma que a subida de uma vertente até ao divisor de aguas, ou a travessia de uma serra, uma garganta, um passo de montanha até ao fundo de um vale.

Quanto maior a proximidade do inimigo tanto maior importancia adquire a escolha a tempo, pela carta, de pontos convenientes á observação. Muitas vezes impõe-se á um desvio para attingir o objectivo pretendido, quem sabe, a mudança de resolução para buscar um novo ponto de observação. Pensar sempre na possibilidade de expedir o resultado do reconhecimento (Esboços, itinerarios ou exacta explicação do caminho ao estafeta).

31. O reconhecimento a pé, a cavallo ou bicycleta é feito por lances: atraz de pontos elevados apear e perscrutar o terreno a binocolo; examinar tambem a carta, si necessario com vidro de augmento

(lente, lupa; aro metallico é o mais duravel).

Em motocycle ou em automovel ainda é mais impropio utilizar a carta no caminho... Com a velocidade média de 30 a 40 kilometros por hora, a carta de 1:100000 ainda serve, mas é preferivel a de 1:200000 ou 1:500000. Durante a marcha em geral não ha tempo para reconhecer detalhes topographicos. Facilita-se a orientação havendo ao lado do conductor do vehiculo uma pessoa que dê as indicações nos cruzamentos: "em frente!" "á direita!" "á esquerda!" Havendo um velocimetro tornam-se mais faceis as verificações pela carta...

32. A orientação é a mais facil, como o emprego da carta, nas aeronaves.

a) *Balão livre*. Velocidade e direcção dependem do vento. Verificação pela bussola e pelo anemometro quando a terra se oculta abajo duma nuvem ou na cerração. Orientar correspondentemente a carta. Com tempo claro, além disso, orientar sobre linhas visiveis a grande distancia (estrada de ferro, estrada de rodagem, rios) ou sobre grandes superficies (lagos, matas, cidades).

b) *Balão captivo*. Em geral a orientação pela carta é limitada, como no caso de um ponto elevado de observação terrestre. Podem-se corrigir erros de orientação graças á linha telephonica que liga o aerostato á terra. Pelo mesmo fio são levadas a terra, em bolsas proprias, as participações; esboços, photographias; de terra são levados a destino por estafetas a cavalo ou cyclistas.

Os officiaes aerostateiros de fortalezas na paz devem familiarisar-se com o terreno de sua acção, de modo que possam se orientar no alto sem recorrer á carta.

Tem grande importancia o emprego da photographia para fixar o resultado de tais reconhecimentos.

c) *Balão dirigivel*. A' vista da terra emprega-se a orientação como no balão livre, com o auxilio de cartas de 1:100000 ou cartas especiaes aeronauticas na escala de 1:200000.

Orientação astronomica pela medição da altura de estrellas, da altitude por meio de barometro ou barographo, de longitude de Greenwich por um chronometro.

Orientação magnetica.

d) *Aeroplano*. Na Alemanha a orientação e a observação incumbem ao offi-

cial observador. Por ora não se pôde ainda pensar em orientação astronomica, embora uma grosseira medição de angulos sobre estrellas, sem instrumentos, muitas vezes possa servir, mesmo quando não se vir a terra.

(Continua)

Arrolamento obrigatorio de cavallos e viaturas

No estudo por nós publicado sob o titulo "Cavallo de Guerra", nos numeros 30 a 32, extrahido de um livro do general von Damitz, tratando dos systemas de remonta, promettemos examinar em outra occasião a questão do suprimento cavallar do exercito em caso de guerra.

Vamos aqui expôr esse importante problema tal como elle é resolvido na Alemanha, reproduzindo por isso um trecho da conferencia realizada no Club Militar em Setembro de 1913 e publicada no "Jornal do Commercio" do dia 12 desse mes e anno.

O pensamento basico da legislação respectiva condensa-se no lema: *prevê para provêr*. Seus traços caracteristicos são: obrigatoriedade para os proprietarios de arrolarem seus cavallos e viaturas; exame periodico e classificação prévia, segundo os serviços a que se prestam; indemnisação, segundo avaliação de acordo com os preços de tempo de paz.

Eis a reprodução.

Lei de 13 de Junho de 1873 § 25

Para a aquisição e conservação dos efectivos de guerra dos cavallos do Exercito, todos os proprietarios são obrigados a pôr á disposição da autoridade militar todos os seus cavallos julgados aptos para o serviço militar, mediante uma indemnisação no valor fixado por uma commissão, sobre a base dos preços da paz.

São isentos dessa obrigação: 1º, os membros das familias reinantes sómente quanto aos animaes de uso pessoal; 2º, os enviados estrangeiros e o pessoal das respectivas legações; 3º, os funcionários publicos, quanto aos animaes de serviço; bem como os medicos e veterinarios quanto aos animaes necessarios para o exercicio profissional; 4º, os contractantes de linhas postais, quanto aos animaes pelo contracto fixados para o servio.

* *

Sobre esta base funda-se o Regulamento de requisição de cavallos, de 1-5-1902:

§ 1º Para obter-se uma estatistica segura da população cavallar do paiz e para accelerar a requisição em caso de mobilização, realizam-se na paz as "inspecções cavallares preliminares", cujo resultado é lançado num arrolamento que deve ser mantido em dia. Ellas são feitas por "com-

missarios inspectores de cavallos", cada um dos quaes age numa zona limitada de territorio.

§ 2º Os commissarios têm que inspecionar todos os cavallos de sua zona de 18 em 18 mezes. Para este fim dividem suas zonas em districtos bem pequenos, afim de perturbarem o menos possivel os proprietarios. Devem evitar de fazer num mesmo ponto a inspecção para diversas povoações. Na designação do logar e época da inspecção devem levar em conta os interesses economicos da população. Um exemplo de um edital sobre a materia esclarecerá os detalhes.

Edital — Sabbado, 29—6—1912. O Sr. commissario militar da inspecção cavallar realizará na praça do Sol e no Jardim dos Atiradores uma inspecção cavallar preliminar.

Todos os Srs. proprietarios deste municipio são obrigados a apresentar naquelle dia, ás 7 h. a. m. os seus cavallos nos referidos logares, sendo os dos districtos taes e taes no 1º ponto e os restantes no 2º ponto.

São dispensados da apresentação:

- a) os cavallos menores de 4 annos;
- b) os reproductores; (Vide nota)
- c) as eguas em prenhez adiantada, isto é, no ultimo mez, bem como as que tenham parido ha 15 dias;
- d) as eguas de puro sangue registradas no "Gestütbuch" ou nas listas officiaes do "Union Klub", desde que estejam cobertas por um reprodutor puro-sangue, segundo attestado;
- e) cavallos cegos de ambos os olhos;
- f) cavallos que trabalhem em minas, permanentemente subtrahidos á luz solar;
- g) cavallos doentes que não possam marchar ou que por perigo de contagio não devam sahir da baia;
- h) cavallos que em inspecção anterior hajam sido declarados definitivamente imprestaveis (os declarados provisoriamente imprestaveis devem comparecer);
- i) cavallos com menos de 1m,50, medido a fita.

São dispensados de apresentar seus cavallos: Vide § 25 da lei 13.673.

Os proprietarios que não satisfizerem a tempo á obrigaçao de apresentar todos os cavallos além da pena da lei (multa até 150 marcos) terão que sujeitarse a que os cavallos recusados sejam trazidos á inspecção á sua custa. Gustrow, 11-6-1912.

—A autoridade policial.

Pelo regulamento tambem são isentos de apresentar os cavallos á inspecção as coudelarias nacionaes e os corpos de bombeiros municipaes.

§ 5. A autoridade local tem que apresentar ao commissario um escrivão e uma lista em duas vias dos cavallos existentes no seu distrito.

Tem que providenciar tambem sobre o pessoal necessario para pôr os animaes em fórmā e apresentalos na ordem das listas; cada animal traz na faceira esquerda da cabeçada um papel tendo bem visivel o seu numero da lista.

E' permittido aos veterinarios municipaes da zona, aos veterinarios particulares, aos ferradores, bem como ás pessoas designadas para commissarios civis de requisição em caso de guerra, assistirem á inspecção.

§ 6º O commissario divide os cavallos examinados, para cada logar e distrito, em "capazes", "provisoriamente incapazes", e "definitivamente incapazes". Os capazes são classificados em:

- a) animaes de sella, de I. e de II.
 - b) animaes de traçao; tronco, de I. e de II.
 - Guia, idem idem.
 - c) animaes pesados de traçao.
- O resultado é lançado em ambas as vias das citadas listas e uma dellas restituída á autoridade local.

(Continua)

PUBLICAÇÕES DO MINISTÉRIO DA GUERRA

A' VENDA NO DEPARTAMENTO CENTRAL

(Aviso n. 1 de 11 de Janeiro de 1916)

Preço Porta e registro

Guia para instrucção de infantaria..	\$200	\$220
Projecto para organisação de unidades de fusil metralhadora "Madsen", traduzido do Alemao pelos capitão Estellita Werner e 2º Tenente E. Vidal (1910)	\$500	\$280
Tabella de Tiro para o canhão Krupp 7, 5 aligeirado 1895.....	\$500	\$240
Regulamento de manobras para a Artilharia de Campanha (2 Volumes). 1903.....	1\$500	\$500
Um telemetro de depressão, pelo Cap. Mario da S. Netto (1905)	\$500	\$260
Regulamento da fabrica de polvora sem fumaça, de Piquete (1910)....	\$300	\$240

Para a acquisição destas publicações, os interessados nesta Capital deverão se dirigir á 3ª Divisão do Departamento Central, ao Capitão intendeante; os de fóra desta Capital deverão endereçar os pedidos ao Chefe do Departamento, acompanhados da importancia da publicação e de seu porte e registro.

Capitão Intendeante *Antonio Monteiro Meirelles*.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista dos Militares, ns. 70 e 71 — Porto Alegre.

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia, ns. 39 a 44 — Bagotá.

Memorial de Infanteria, n. 52 — Madrid.

A Estancia, n. 3, 1916 — Porto Alegre.

Polianthaea commemorativa do 50º anniversario da batalha de 24 de Maio, organisada pelos srs. capitão Enéas P. Pires, capitão Manoel F. Corrêa e tenente Emilio de Souza Docca.

Memorial del Ejercito de Chile, VI, anno XI Santiago.

Boletin del Ministerio de Guerra y Marina, Peru numeros de Março e Abril.

Revista do Instituto dos Docentes Militares, n. 1 Boletim mensal do Estado Maior do Exercito n. 6, anno VI.

EXPEDIENTE

Com este numero distribuimos a 22ª Carta de Grieppenkerl.

*

Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.
Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.
D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.
G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.
D. A. — Coronel Príncipe.
3^a D. — 2.º Tte Columbano Pereira.
IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.
4^a Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.
5^a Br. I. — 1.º Tte Jucá.
6^a Br. I. — Cap. Barros Barreto.
Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.
1^o R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.
2^o R. I. — 1^o Tte Octaviano Gonçalves.
3^o R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52^o Caç. — 1.º Tte Maciel da Costa.
55^o Caç. — 2.º Tte Granville B. de Lima.
56^o Caç. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.
58^o Caç. — Coronel Estillac Leal.
1^a Cia. Metr. — 2^o Tte Newton Cavalcanti.

10 R. Cav. — Capitão Jeronymo Furtado.
13^o R. Cav. — 2^o Tte Simas Enéas.
1^o E. Trem — Aspirante Manoel A. C. Batalha.
1^o R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.
20^o G. Art.
1^o Bat. Art. — 1^o Tte Manoel M. Ribeiro.
2^o Bat. Art. — 1^o Tte Octaviano Leão.
3^o G. Ob. — 2.º Tte Raul de Vasconcellos.
Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.
1^o Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.
E. M. — Realengo, Aspirante J. Teixeira Marques.
Alumno Thimotheo F. Machado.
E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.
2^o Tte Maximiliano Fonseca (interino)
Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos.
Direct. Material Bellico — 1.º Tte Mario Berlink.
Arsenal — Major João Borges Fortes.
Dirac. de Eng. — Cap. José Ribeiro Gomes.

Fóra do Rio de Janeiro

47^o Caç. — Belem, 2^o Tte José de Oliveira Pimentel.
48^o Caç. — 1^o Tte Josaphat A. Caldeira.
50^o Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.
53^o Caç. — Lorena, Capitão F. Vasconcellos.
5^o R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.
11^o R. Cav. — Bagé.
75^o R. Cav. — 2^o Tte Raul Vieira da Cunha.
Coll. Barbacena — 1^o. Tte José Martins de Arruda.
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.
S. Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.
VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.
Escola Naval — Baptista das Neves, Asp. Cezar Feliciano Xavier.

VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.
43^o B. Caç. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.
6^o B. Art. — Bahia, Tte Cel Pimenta.
5^o G. Ob. — R. Grande, 1^o Tte J. Eraldes de Oliveira
16^o Grupo — 2^o Tte A. Carneiro Pinto.
18^o Grupo — Bagé, 1^o Tte Salvador Obino.
Fabr. Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende
Fabr. Estrela — Major J. Cândido Muricy
10^o R. I. — 2.º Tte Alcebiades Alves de Almeida.
Com. da Carta — Cap. J. C. Toledo Bordini.
17^o Gr. Art. — Alegrete, Cap. E. Lima e Silva.
4^o Br. Inf. — Santa Maria, Capitão Vianna de Carvalho.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602